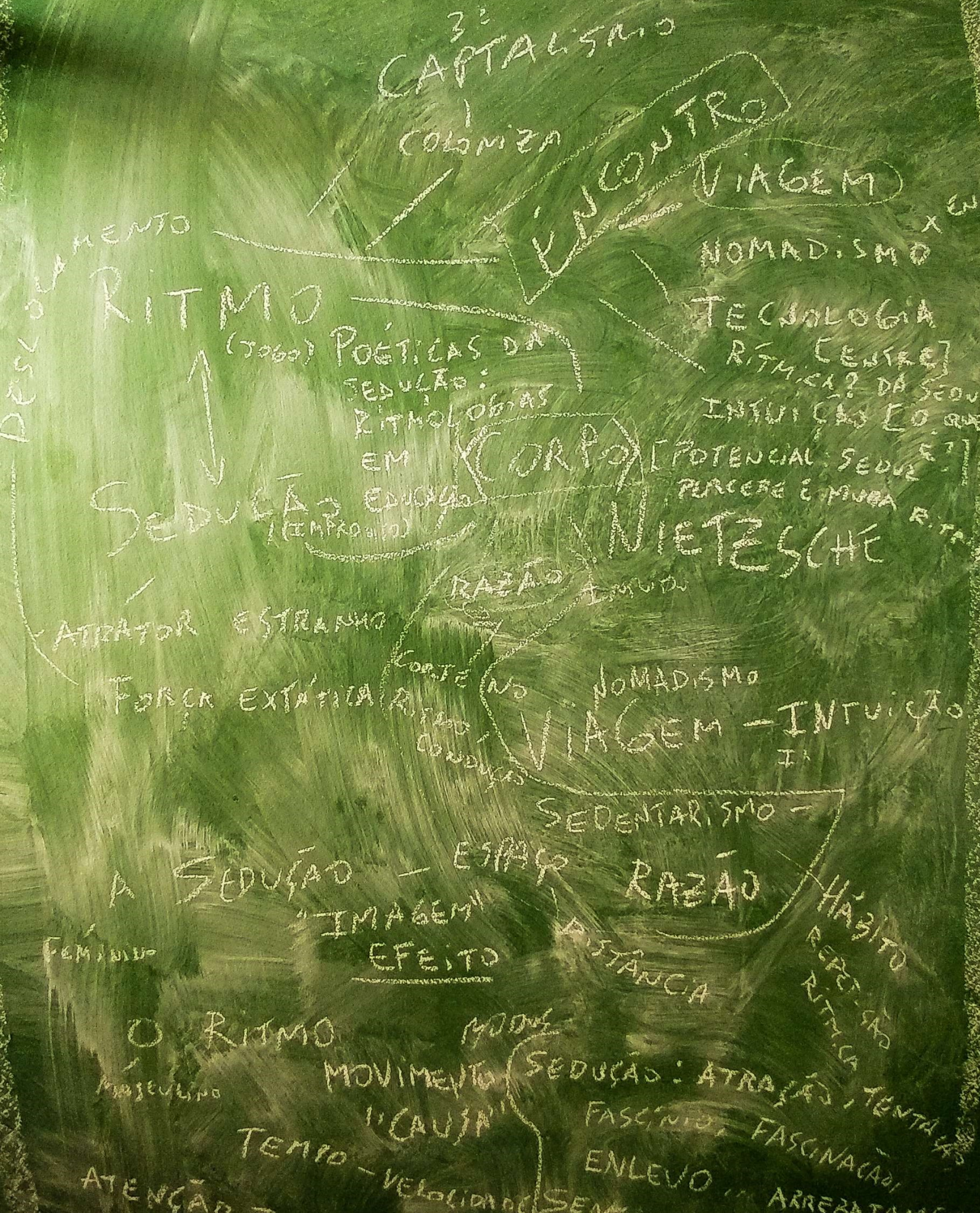


RITMOLOGIAS: POÉTICAS DA SEDUÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO**

Pesquisa-improvisação: educação em jogo

Dissertação de Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Orientando: Diego Winck Esteves

Porto Alegre, 2019.

CIP - Catalogação na Publicação

Esteves, Diego Winck
Pesquisa-improvisação: educação em jogo / Diego
Winck Esteves. -- 2019.
162 f.
Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Pesquisa. 2. Docência. 3. Improviso. 4. Jogo. 5.
Poética. I. Adó, Máximo Daniel Lamela, orient. II.
Título.

Diego Winck Esteves

Pesquisa-improvisação:

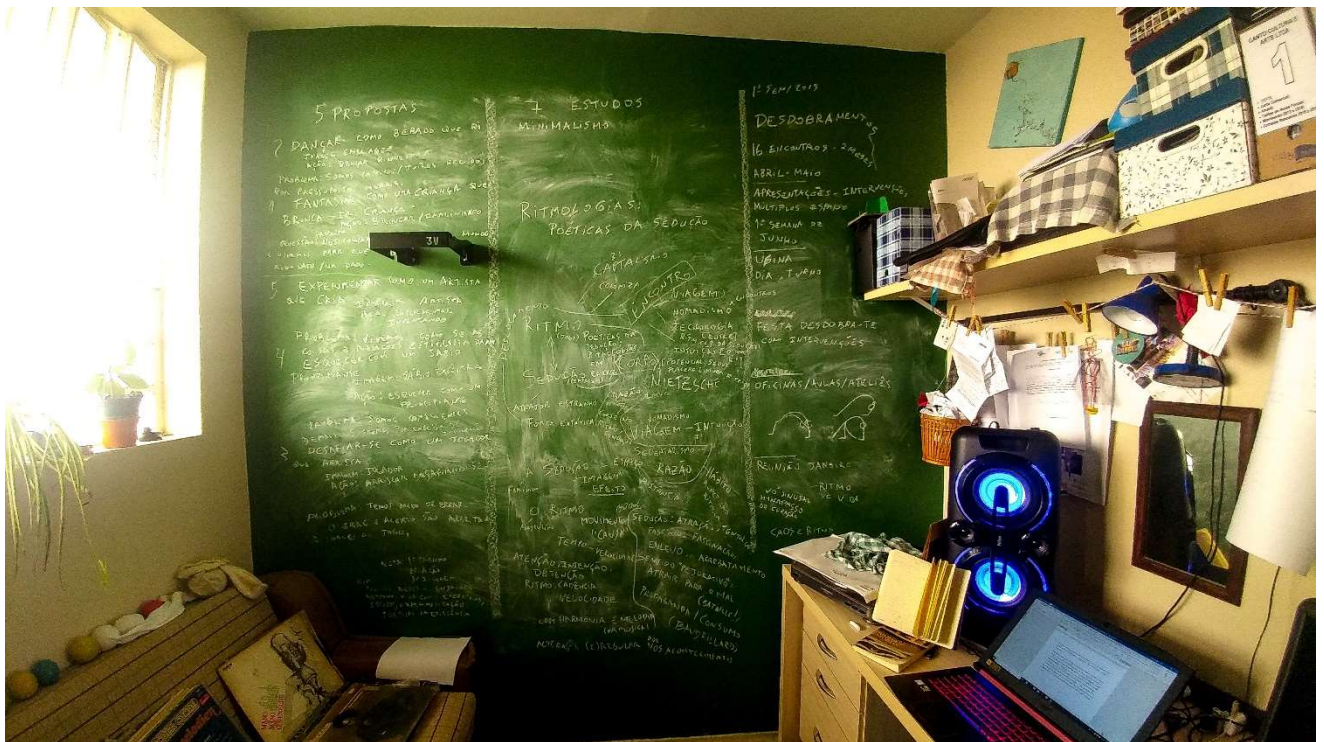
educação em jogo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó

Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação

Porto Alegre, junho de 2019.



5 PROPOSTAS

2) DANÇAR COMO BEBADO QUE RI
3) FANTASMA
4) BRANCA DE NEVE
5) EXPERIMENTAR COMO UM ARTESTA
6) BARBETA
7) PRODUÇÃO

7 ESTUDOS

MINIMALISMO
RITMOLOGIA
POÉTICAS DA SEDUÇÃO
LASCÍVIA
RITMO
SEDUÇÃO
Nietzsche
Razão
Enleio
Ateuismo
Obediência
Ritmo
Velocidade
Morte

17 FEM/2013

DESDOBRAMENTOS
16 ENCONTROS - 2 HORAS
ABRIL - MAIO
APRESENTAÇÕES - INTERMEDIOS
MÚLTIPLOS ESPANHOS
10 SEMANA DE JUNHO
VIGILÂNCIA
DIA 17/06
REUNIÃO DANÇA
RITMO
MÚLTIPLOS ESPANHOS
CADA RITMO



Imagens: Imagem da capa e demais fotografias são de autoria de Diego Esteves, registros dos quadros de anotações nas paredes de sua sala e quarto; a imagem da capa é o registro mais recente, do início de 2019, seguido de uma versão ampliada; na p.7, registro de outubro de 2017; p.26, julho de 2017; p.95, março de 2017; p.117, outubro de 2017; e, p.147, do início de 2019.

Agradecimentos

Agradeço, aos encontros. No entanto, por serem eles, os encontros, impessoais, faço menção aos que possibilitaram tais acontecimentos, e, aos que neles, de um modo ou outro, entraram em composição. Dizer dos encontros é dizer, ou apontar, noutras palavras, para o que acontece: nesse sentido, podemos considerar uma pessoa como um acontecimento nas passagens da existência — refletida na composição de paisagens mentais. Um nome, remete então, não somente para uma corpo, mas para uma proliferação de imagens. Assim, quando digo, em agradecimento, Marco, Maisa, Lucas, Mauricio e Barbara, ou, família, vejo uma cidade, Santa Cruz do Sul, um Nero, um Guile, um Toby (cachorros de três gerações, desde minha primeira infância), as ruas onde joguei futebol, o caminho para as aulas de Taekwondo, na rua Santo Antônio, os professores, colegas. Lembro-me da escola Goiás, e do dia em que cheguei na sala da pré-escola. No instante seguinte, como numa sequência de *frames* de um filme (ou seriam notas mentais?), e seus saltos temporais, aparece a UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, e seu respectivo Corpo de Dança, e então outros tantos nomes, acontecimentos, amizades. Se digo Máximo, ao qual preciso agradecer a confiança e a paciência na excursão (ou seria, incursão?) por esse labirinto da pesquisa, lembro-me de Sandra, Paola, de salas de aula, da UFRGS, do meu primeiro encontro, em 2007, dos seminários que vieram, dos cadernos, das anotações e dos pensamentos ganhando ânimo; logo, vejo a sala 812, vejo Dayse (ouço Namastê), vejo um óculos de sol (e atrás dele a Marcela); no entorno da mesa aparecem também Steph, Laís, Mariana, Robson (ou Anderson), e Natashe adentrando a porta num momento improvável; vejo uma reunião na sala 701, os colegas de representação discente e, retrocedendo um pouco, outras reuniões, estas com o NECITRA – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades, e então outros tantos nomes, imagens, momentos, passagens. Recordo de muitos nomes que, apesar de suas importâncias, este espaço e sua restrição não possibilitam citar (mas espero que possam se incluir aqui, ao ler). Por fim, me parece que quando agradeço aos encontros, talvez, de outro modo, esteja agradecendo aos grupos, e cada um de nós é uma espécie de agrupamento. Do que possibilitou esta Dissertação, há um pouco de tantas pessoas, foi mais do que o suficiente.

Resumo

Esta Dissertação, a partir de exercícios de escrita, e postulando certa noção de jogo e improvisação, flexionou-se sobre a correlação pesquisa e docência (então, pesquisa-docência), afirmando-se em uma Pesquisa-improvisação para uma educação em jogo. Para tanto, o próprio espaço da pesquisa, com destaque para o texto (portanto, pesquisa-texto), foi tomado enquanto campo de forças, dinamizado pela experimentação como condição de possibilidade para descentrar os corpos — e o próprio espaço —, e nisso produzir uma ambiência para os imprevistos: noutros termos, admitir o inesperado e que este possa potencializar a educação, amplificando assim seu caráter inventivo, intempestivo e improvável. Os procedimentos, que foram elaborados no entorno da noção de Poéticas da Notação, enfatizaram o labor do estudo a partir de notas, primeiro, por postular uma escrita imediata, segundo, pela contingência do e no pensamento, destacando a fragmentação inerente a este fazer; nesse sentido, a escrita, como ato, ganha destaque, porquanto a nota funciona como um índice do real, de visibilidade — do que foi notado e anotado —, entrando em jogo com a ficção e, através do caráter performativo deste fazer, com a autoficção. Trata-se, com efeito, de um labor interno da pesquisa, projetado sobre a imagem da docência, para o qual nos valem de um Método Labiríntico (etimologicamente, *labor intus*), produzindo certa vertigem que parece ser necessária para que o corpo humano, demasiado humano, possa entrar em jogo com outras forças, e aí com seu potencial, em encontros imprevistos e composições heterogêneas — tudo para vitalizar a existência nos espaços de educação.

Palavras-chave: Pesquisa; Docência; Improviso; Jogo; Poética.

Abstract

This Dissertation, based on writing exercises, and postulating a certain idea of game and improvisation, has brought up the research-teaching correlation (then, research-teaching), affirming itself in a Research-improvisation for an education in game. Therefore, the research space itself, especially the text (therefore, text-research), was taken as a field of forces, energized by experimentation as a condition of possibility to decentralize the bodies - and the space itself - and thereby produce an ambience for the unforeseen: in other words, to admit the unexpected and that it may enhance education, thus amplifying its inventive, untimely and unlikely character. The procedures, elaborated around the idea of Poetics of Notation, emphasized the study work from notes, first by postulating an immediate writing, second, by the contingency of and in the thought, highlighting the fragmentation inherent in this activity; in this sense, writing, as an act, stands out, because the note acts as an index of the real, of visibility - of what was noted and written -, playing with fiction and, through its performative character, with self-fiction. It is, in fact, an internal work of research, projected on the image of teaching, for which we use a Labyrinthic Method (etymologically, *labor intus*), producing some vertigo that seems to be necessary so the human body, too human, can play with other forces, and then with its potential, in unforeseen encounters and heterogeneous compositions - all to vitalize the existence in the spaces of education.

Keywords: Research; Teaching; Impromptu; Game; Poetic.

SUMÁRIO

<input type="checkbox"/>[6]
APRESENTAÇÃO.....	[8]
INTRODUÇÃO: ESPAÇOS E CORPOS: POTENCIAIS E PASSAGENS.....	[12]
PARTE 1: PESQUISA-TEXTO: ESCRITA E PENSAMENTO, REAL E FICÇÃO	
JOGO E IMPROVISACÃO NA PESQUISA-DOCÊNCIA: UM ESTUDO EM EXERCÍCIOS	[28]
POR UMA CIÊNCIA DA IMPREVISÃO.....	[40]
MÉTODO LABIRÍNTICO EM JOGO.....	[54]
POÉTICAS DA NOTAÇÃO.....	[66]
NOTAÇÃO ESQUIZOGRÁFICA	[80]
PARTE 2: SOBRE CORPOS POTENCIAIS	
EM TESE, UM CORPO POTENCIAL (PRIMEIRA APROXIMAÇÃO).....	[97]
CORPO POTENCIAL: AUTOFICÇÃO DE UM TORNAR-SE O QUE SE É.....	[102]
CONSIDERAÇÕES DE SENTIDOS SOBRE ESPAÇO, CORPO E COISA.....	[112]
PARTE 3: PESQUISA-DOCÊNCIA: ACONTECIMENTOS, IMPREVISIBILIDADE, APROPRIAÇÃO	
IMPROVISO E DOCÊNCIA: PERFORMANCE, ESPERA E PRESENÇA.....	[119]
POÉTICAS DA SEDUÇÃO: RITMOLOGIAS EM EDUCAÇÃO.....	[131]
AMBIÊNCIA, GRAVITAÇÃO E NARRATIVA: POR UMA EDUCAÇÃO ESPECULAR.....	[135]
CONCLUSÃO: PESQUISA-IMPROVISACÃO.....	[147]
REFERÊNCIAS.....	[156]

Aqui, enquadrado sob um marco que distingue a intrusão (seria uma intromissão?). Seduz-me a ideia de que este marco demarque [uma espécie de porta](#) — uma zona de passagem, portanto.

Passagem do escritor-pesquisador que se dobra sobre texto para tecer alguma consideração, aquele que retorna para comentar, mas também, e sobretudo, para propor passagens.

Esta Dissertação é um fragmento, contingência, corpo individuado sobre uma pesquisa que segue passando, acontecendo: ela — a pesquisa — se compõe, então, em multi-espços que se desdobram num hiperespço articulado transversalmente; assim, esta pesquisa-texto-dissertação é interconectada com uma [plataforma virtual](#) — além de outros espços onde ela pode ser atualizada (como numa aula).

Sob o marco desta porta, palavras podem ser [passagens para outros espços](#), que expomos à leitura para que possam ser notados.

ENCONTRO ENTRE CORPOS: (DES) EQUILÍBRIO, VARIACÕES E INVENÇÕES

CONHECER

(DES)EQUILÍBRIO (EM VARIAÇÃO) NOS
(DES)ENCONTROS (EM VARIAÇÃO)

1. PODE TER JOGO COM
VARIAÇÃO DAS TÉCNICAS

APARENTE (JOGO DE CONTRADIÇÃO)
TRANSC

- 1.1. CONTRADIÇÕES ALTERNAS
- 1.2. CRIAÇÃO COM SÍMBO EXTERNO PALMAS, MÚSICA, ETC

JOGO PARA M E REPERTÓRIO
TÉCNICAS

0 IMPROVISO
JOGOS DO QUE SÓ
IMPACTO +
QUAL SUBDIVISÃO?

EM SOLO: EQUILÍBRIO ESTÁTICO
EQUILÍBRIO DINÂMICO

2. JOGO DE ATENÇÃO/REAÇÃO
(EX. AQUI PARAS VELOCIDADE TRAMA)
PALMAS, PUNTA CORONA

6. JOGO DE REPRESENTAÇÃO EM DUPLA: IDEM.
EX. (MIMAR, JOGOS DE IMPRESSIONE)
TRAMA PARABOLASTORTE
PRESENÇA DO HUMANO
TRANSC

EM COISAS (MALAPROPISMO): BOLAS, CORDAS,
COISAS COTIDIANAS.
EM SUSPENSÃO: TECIDOS...

3. JOGO DE PERCEPÇÃO/SENSAÇÃO
(PRÁTICAS DE SEMABILIZAÇÃO DO CONTINÚO)
INVEN

7. JOGO DE INTUIÇÃO
(DE "ADIVINHAR") INVEN

8. JOGO DE MEMORIZAÇÃO
TRANSC

* QTO DE IMPROVISO EM
DE JOGO? QUAL SERIA O
DO IMPROVISO?

4. JOGO DE COMPETIÇÃO
AFOULINCOI
MAS TALVEZ
NEM SEMPRE
TRANSC

(COMO SE DÁ ESSES ENCONTROS?)
VIOLENTO, SUTIL, SEXUAL
MEMÓRIA/RECORDAÇÃO FORA E MEMÓRIA

SENTIDO DO MOVIMENTO
MATERIAIS CORPÓREOS
TRANSCRIÇÃO: "PONTOS"
INVENÇÃO: "FORA" PI

5. JOGO DE EXAUSTÃO
(DANÇAS CONDUCIDAS NO
SEM CUAL REFERÊNCIA A
ELEMENTOS)
INVEN

COLTOS - COMPOSIÇÃO DE MATERIAL NA MÃO, COISAS, IDEIAS
ENTRE UMA ENTREMIDA ENTRE OS CORPOS,
SEMPRE PRESENTE E REPLETA DE MATERIAS
* TIPOS DE ENCONTRO: CONTINÚO, CIENTE, INCONSCIENTE

ESSE ENCONTRO SE DÁ EM JOGO (JOGO DA EXISTÊNCIA)
ESSE ENTRE É UMA DANÇA - O ENTRE É O ENCONTRO
O CORPO É UMA COMPOSIÇÃO, INVENTADA EM FORMA E SIGNIFICADO
EM EQUILÍBRIO MAIS OU MENOS INSTÁVEL, EM MOVIMENTO,
EM VARIAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Não se pode antecipar o caminho: prevê-lo em pensamento é possível, mas tão logo se comece a andar, uma série de atratores estranhos, que aparecem em vários momentos (embora nem sempre visíveis), farão ruir quaisquer pretensões sobre o destino.

No [Prólogo](#) tratei do que me pareceu um dilema: apresentar ou não apresentar, eis a questão. Considero que o excesso de sentido que projetamos sobre os textos diminuem seu potencial de produzir presenças — que aqui importam sobremaneira.

Podemos, todavia, ao final de certo percurso, olhar para trás e, ligando alguns pontos, concluir que esse era o caminho que a nós cabia, e ainda mais, que ao encontro dele nos preparamos, mesmo sem saber. Perguntar se essa conclusão encerra uma realidade fatídica ou uma fantasia é um falso problema. Esse exercício, o de torcer-se e mirar o trajeto passado, é

o que faço agora.

Esta pesquisa começou no entorno de uma problemática que pode ser enunciada deste modo: como tomar os imprevistos no espaço de pesquisa e de docência pela via da potência — e mais, como produzi-los? Daí, por antecedência e consequência: como preparar nosso corpo, e o espaço, em termos potenciais, para tal condição, e, como proceder uma inclusão desses dados imediatos, passageiros, imprevisíveis, ao compô-los no texto (na pesquisa-texto) e na performance do fazer docente?

Procedi, no trato destas questões, através de estudos em notas como uma maneira de lidar com esses dados imediatos — numa escrita fragmentária. Os textos que seguem nesta Dissertação foram dinamizados e compostos numa [Sala de Estudos](#).

Deste modo, já desde as primeiras notas desta pesquisa, me afrontei com uma

Destaque, então, para a [primeira nota](#), exercício de tentar encontrar o não-pensado no pensamento, ou, com o mesmo fim: esgotar o já pensado tendo em vista o não-visto porvir (porver). Destaco também a nota de [número 100](#), escrita no dia da entrega do projeto desta Dissertação.

contenção à improvisação: a saber, nos termos da razão, da racionalidade, e, por consequência, de correlações morais; assim cheguei ao seguinte problema: o pensamento da representação, em uma cultura de sentidos, constitui um Eu pessoal — em verdade, trata-se de uma correlação —, donde para produzir presenças imprevistas é necessário

destituir a centralidade deste Eu: sob este que se impõe há um ante-eu, ou mesmo múltiplos díviduos, os quais, por acessos intermitentes de individuação — através, como

aqui se propõe, de acessos intermitentes de improvisação —, podem condicionar possibilidades de encontros inesperados, via tal descentramento, numa reciprocidade espaços-corpos-coisas.

Cabe conjecturar se, no extremo, não seria este salto do saber ao não-saber — ou, do pensado que, através do não-pensado, passa a constituir um novo pensamento —, a partir do qual se constitui a ciência, a arte, a filosofia e, nesses entremeios, a educação: e que este salto ocorreria não pelo reforço da matéria que já nos constitui, mas justo na periferia, pela experimentação, onde os dados são jogados (e nos jogam).

Da questão inicial, então, que era o improviso, passei ao jogo: era preciso desequilibrar esse Eu pessoal, para a partir de então poder lidar com a imprevisibilidade; sem este descentramento poderia a improvisação ser perspectivada como o fazer espontâneo de reordenação do que já se sabe, de uma recombinação, em maior ou menor grau, do mesmo pela identificação — e não é disso que se trata. Foi assim que se impôs a primeira ideia, de um Método Labiríntico, enquanto um labor interno que, através de jogos, possa desequilibrar o sujeito, fazer bailar as forças imprevisíveis que compõe esse corpo, num espaço de incerteza, correlacionado ao fora por vertigens e delírios.

Na [Introdução ao Método](#), escrita em dez notas ao final do primeiro ano da pesquisa, tentei apontar algumas questões que se apresentaram, bem como os procedimentos adotados até aquele momento.

Me pareceu importante, então, ponderar sobre o funcionamento — no sentido do fazer cotidiano — deste pesquisador-docente em seus espaços de labor, dado o seguinte risco: excesso de experimentação sobre falta de prudência nos remeteria à produções inócuas, fracas, demasiado delirantes por pouca consistência do plano do pensamento e

Sugiro a leitura destas seis [Notas descritivas](#).

na extensão de seus fazeres. Desta preocupação, e sobre os procedimentos que já vinha adotando — o de produzir a pesquisa em notas sobre pensamentos que me chegavam como dados imediatos, de passagem, como índices do real ao qual eu especulava sobre sua condição de imprevisibilidade —, foi que propus uma abordagem, no sentido de um modo de fazer: a Poética da Notação.

Trata-se, então, de notar o que passa: do corpo impactado pelas coisas do mundo, pelos acontecimentos imprevistos, que anota o que é notável, o que lhe parece deter força

de produção das e nas dinâmicas espaço-temporais nas quais se aloca: da pesquisa e da docência.

Para esse corpo que, ao mesmo tempo tem na improvisação um modo de praticar esta apropriação dos imprevistos pela via da potência, e de fazê-la em virtude de potencializar o porvir, dotando-o de alegria, de vitalidade, institui a noção de Corpo Potencial: se, por um lado, todo corpo possui um potencial, por outro, esta noção pretende afirmar certa postura metaestável, daquele que produz potenciais — no sentido de uma efetuação, atualização — precisamente nos encontros incertos, que podem passar a qualquer instante; um

Nesse sentido estou produzindo uma aula-espetáculo, interlocução entre a atual pesquisa e meu arquivo artístico, produções estas que, ao seu modo e tempo, tentavam lidar com questões que aqui ganham, por vezes, outro nome, mas tem o mesmo fundo. Apresentação: uma aula, uma palestra, uma performance e/ou um espetáculo.

corpo que está à espreita de relações fortuitas que possam aumentar seu potencial de agir no mundo. Cabe notar que o corpo, do animal humano, encontra-se e compõe com outros corpos, estes não-humanos — com destaque para as coisas (palavra enigmática que abarca uma infinidade de, portanto, coisas) — e incorpóreos — dos pensamentos, aos enunciados, ao virtual, informe, fora, caos.

Estas questões, com destaque para pesquisa escrita e o corpo, foram organizadas na Parte 1 e 2 desta Dissertação, e desdobradas na Parte 3, onde tentei pensar o espaço da aula, dimensionando-o como lugar de acontecimentos improváveis; pois, mesmo que no caminhar inerente ao fazer pedagógico tenha-se em vista a tradição e o planejamento ao lidar com a matéria curricular, ainda assim, indiferente ao esforço do professor mais hercúleo, o inesperado, aqui e ali, sempre aparece: e pra ficar com os mitos, lembremos da complementaridade proposta por Nietzsche, entre Dionísio e Apolo, ou seja, entre o fundo trágico, o sem sentido da existência, e a produção de imagens, de sentidos como direções e caminhos que possibilitam nosso andar — mas que não nos esqueçamos do caráter inventivo, ficcional, deste fazer existencial.

Os textos apresentados não precisam ser lidos em ordem, e mesmo o contato com alguns deles parece ser o suficiente para uma compreensão geral do todo. Tentamos, no sentido de ensaios sobre questões que compuseram este estudo, circunscrever certa cena, no texto, laborando com o que notamos neste fazer. Assim, se estivéssemos em frente a um livro de literatura, leríamos contos e não um romance. Entretanto, parece ainda mais

coerente a imagem de músicas, enquanto variações sobre o mesmo tema: daí que as repetições que ocorreram foram inevitáveis e, em certa medida, intencionais.

A noção de Pesquisa-improvisação, na dramaturgia deste texto-cena-dissertação, aparece, enfaticamente, somente na conclusão. Isto ocorre por que nesta (auto)ficção somos uma mistura de detetives e médicos: tentamos encontrar os indícios de algo que passou — no caso aqui, ao final, o mistério desvendado é, justamente, a Pesquisa-improvisação — e estudar os sintomas que fazem de nós singularidades nos espaços de pesquisa-docência, cabendo, ao reconhecer o *pathos* que nos aflige, ponderar a modulação da existência conformada pelo gênio de cada um — investigação de uma saúde em Educação.

Pesquisa-improvisação, abarcando a pesquisa-docência, portanto, foi a denominação sobre a qual quis circunscrever os procedimentos deste pesquisar; mas, antes, o princípio de uma convicção que aponta que precisamos de menos, e não de mais (logo, uma ironia deste labor autoimposto: para chegar ao menos produzi mais de 100 notas, publicadas

na Sala de Estudos — diegoesteves.in/estudos — e mais de 150 páginas neste conjunto dissertativo). Considerando a sobreposição de pesos que nos constitui, sobre os esforços de um camelo, posso afirmar que esta pesquisa-texto se apresentou, ao menos no início e até sua qualificação, como o rugir do leão: uma etapa necessária, como nos aponta Nietzsche, do combate (em certa medida consigo, ou com o que em si reforça estes pesos), para então chegar a criança que joga, com sua ciência de imprevisões (e improvisões, enquanto não provida de certezas). Este devir-criança, ainda que por ele tenhamos, eventualmente, em pequenas frações de tempo, passado, não parece ter sido o foco aqui: o destaque, se minha leitura estiver correta, foi para o ponto de mutação entre o peso e a leveza, que parece ser o leão, criatura em jogo-combate — mas que também dança, porquanto nossa dança não é a do passo simbólico (ainda que dela possa resultar), mas o movimento do corpo vibrando seu potencial animal.

INTRODUÇÃO

ESPAÇOS E CORPOS: POTENCIAIS E PASSAGENS

Nada está dado. Adentramos, nesta pesquisa, sobre uma especulação. Dizem: seja realista! Mas nós, com nossa despreziosa ação recorrente de hesitar, respondemos: mas onde mesmo está o real? Em dado momento, nos juntamos a Bachelard, que no texto “Realismo e localização”, no livro *A experiência do espaço na física contemporânea* (2010), vai direto ao ponto (p.23):

Veremos que a topologia do fenômeno é uma experiência bem mais complicada do que julgava a ciência realista do século XIX. O Realista queria que constatássemos a *presença* de um objeto, caução sempre oferecida da conservação do real. Percebemos que, corretamente, só podemos falar de *probabilidade de presença*. [...] Mutações quase ontológicas entre matéria e energia, entre a coisa e o movimento, sugerem um realismo mais complexo, no qual a materialização e a desmaterialização se sucederão. Veremos também estabelecerem-se relações entre os processos de experimentação e os objetos experimentados, de modo que toda descrição puramente passiva da topologia realista tornar-se-á ilusória.

Nesse sentido há uma diferença entre lugar e espaço; bem-dito, trata-se de considerar que o problema está na definição de supostas localizações dos objetos — e de sua correlata identificação — como garantia de um real: ora, pois, nossa questão é o espaço, que por definição é descentrado. Onde o lugar é definido por um centro, o espaço é não-centrado, aberto, podendo assim ser ocupado em qualquer ponto — pelos quais coisas podem aparecer e desaparecer, de acordo com a aceleração e desaceleração (via nosso limite de captação de certas velocidades, tons, sons), e que pode ser percebido ou não, mesmo que sempre ali (de acordo com nossa capacidade perceptiva, atencional e de memória).

O Realista, como afirma Bachelard (2010), precisa do lugar enquanto uma localização, necessita do centro para, no entorno dele, apontar a realidade circundante: “a verdadeira reserva da realidade está no centro. É o centro que protege a unidade; o centro é o elemento da aritmética do real; o centro sustenta o sujeito de todas as frases predicativas nas quais expomos as qualidades do real” (p.10-11). Temos, portanto, um centro investido sobre o corpo que, como veremos no decurso desta pesquisa, trata-se do Eu pessoal.

Portanto, é tendo em vista certa noção de espaço que esta Dissertação foi sendo modulada. Primeiro, questionando-se pelo espaço do corpo neste fazer, buscando operar por um acordo discordante entre as faculdades, sem submissão de qualquer parte: a saber, sem hierarquia do intelecto sobre a sensibilidade da percepção e, sobretudo, sem sobreposição da razão sobre a intuição; nesse sentido, estamos com Bergson (2005, p.10-11):

De fato, sentimos perfeitamente que nenhuma das categorias de nosso pensamento, unidade, multiplicidade, causalidade mecânica, finalidade inteligente, etc., se aplica de forma exata as coisas da vida: quem pode dizer onde começa e onde termina a individualidade, se o ser vivo é um ou vários, se são as células que se associam em organismo ou se é o organismo que se dissocia em células? Em vão empurramos o vivo para dentro de tal ou tal de nossos quadros. Todos os quadros estouram. São estreitos demais, sobretudo, rígidos demais, para aquilo que gostaríamos de colocar neles. Nosso raciocínio, aliás, tão seguro de si quando circula em meio as coisas inertes, sente-se pouco a vontade nesse novo terreno. Seria muito difícil citar uma única descoberta biológica que se deva ao puro raciocínio. E, o mais das vezes, quando a experiência finalmente nos mostra como a vida procede para obter um certo resultado, descobrimos que seu modo de operar é precisamente aquele no qual nunca teríamos pensado.

Em decorrência disto, afirmando-se que é preciso elaborar nossa condição sobre o real (a condicional do real), numa constituição onde, como aponta Flusser (2006) — justamente ofertando como exemplo paradigmático a física quântica — realidade é ficção e ficção é realidade, de modo que se replicam, anulando-se pela inversão do termos. Este fazer, poético, portanto, conforme tomaremos com Valéry (2018), precisa laborar sobre o espaço, assim como nos sugere, mais uma vez, Bachelard (2010, p.19):

Não significa, no entanto, que a topologia não possa informar sobre o real; mas é preciso receber esse conhecimento como ele se apresenta, em seu verdadeiro plano, o plano da probabilidade. Se o Realista quer fundamentar sua doutrina, terá de fazer como todos: proceder experimentalmente seguindo uma lenta e regular redução do erro, por meio de uma longa conquista das probabilidades positivas. Compreenderá então que o mais real é o mais retificado e que não existe conhecimento primitivo que seja conhecimento realista. A realidade máxima está no término do conhecimento e não na origem do conhecimento.

Trata-se, então, de uma especulação sobre o real, avançando pouco a pouco: é neste sentido que a ficção aparece como condição de possibilidade para abordar este turbilhão de probabilidades que é o real; de especular, pela veiculação entre linguagens (não somente da escrita, mas de outras grafias), sua constituição e, sobretudo, seus efeitos. Nos utilizamos, para tanto, de procedimentos no entorno de notas, como um modo de lidar com os dados imediatos, tendo-os como índices do real, sobre os quais procedemos experimentalmente; transferimos assim ao espaço do texto o que pensamos passar no real,

ou o que pensamos sobre o que passa no real, mas, cabe notar que muito do que passa no real não ocupa espaço — ou melhor, passa no espaço, mas não localiza-se num lugar; eis uma dificuldade que faz parte deste jogo — desta Pesquisa-improvisação, numa Educação em jogo; vejamos mais uma vez com Bergson, no início do prefácio do livro *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1927, p.9):

Exprimimo-nos necessariamente por palavras e pensamos quase sempre no espaço. Isto é, a linguagem exige que estabeleçamos entre as nossas ideias as mesmas distinções nítidas e precisas, a mesma descontinuidade que entre os objectos materiais. Esta assimilação é útil na vida prática e necessária na maioria das ciências. Mas poder-se-ia perguntar se as dificuldades insuperáveis que certos problemas filosóficos levantam não advêm por teirmos em justapor no espaço fenómenos que não ocupam espaço, e se, abstraído das grosseiras imagens em torno das quais se polemiza, não lhes poríamos termo. Quando uma tradução ilegítima do inextenso em extenso, da qualidade em quantidade, instalou a contradição no próprio seio da questão levantada, será de espantar que a contradição se encontre nas soluções dadas?

Interface corpo-espaço: e-laboração por uma Poéticas da Notação

Nesta abordagem, que denominamos Poéticas da Notação, ao lidar com essas partículas — textos, imagens, vídeos, ou seja, tudo que pode ganhar o *status* de nota —, e passando a relê-las, rever, comentar, transcrever, traduzir, compor e recompor, é que vamos nos aproximando do que podemos chamar de real. Há, portanto, em nossa postura sobre a pesquisa, neste labor interno, além de um movimento entorno de uma biografemática (Barthes, 2003b), uma espécie de negação do passado recente, justamente na medida em que aí se identifica uma relação sujeito-objeto centralizadora da atenção do pensamento; Benjamin escreve, no livro *Passagens* (2009, p.42): “nestas imagens de desejo vem à tona a vontade expressa de se distanciar daquilo que se tornou antiquado — isso significa, do passado mais recente. Estas tendências remetem a fantasia imagética, impulsionada pelo novo, de volta ao passado mais remoto”. Do presente-matéria ao passado-memória, reafirmando o que retorna neste devir. Sem embargo, nos debruçamos sobre investigações destes e nestes múltiplos espaços de passagens, que são interconectados de forma enigmática, interligados por senhas, os quais fantasiámos decifrar: os espaço-texto, espaço-corpo e espaço-aula.

Tomando então os artificios do nosso tempo, da nossa tecnologia atual enquanto materialidade da e na pesquisa, projetamo-la, na constituição de um espaço de estudo,

numa interface entre a realidade das passagens dos espaços da Educação (a sala de aula, o grupo de estudos, o laboratório de pesquisa), sobre o que pode ser chamado de realidade virtual, onde projetamos textos, imagens etc. (numa plataforma hospedada na rede mundial de computadores, sob o endereço <http://diegoesteves.in/>). Nos colocamos, enquanto pesquisador, em idas e vindas entra a matéria em extensão — o suposto real — , e o 0 1 0 1 0 1 da programação, que produz palavras e/em imagens — não menos reais, como veremos.

Foi assim, no sentido de dinamizar o espaço da pesquisa, como via um (des)acelerador de partículas, que desdobramos certos procedimentos para uma Pesquisa-improvisação.

E-laborar, então: palavra dividida por um hífen que nos remete à passagem entre estados, que suspende o labor do “e”, e mais um possível “e”, e outro, e outro — a gagueira das múltiplas variações em jogo —, e, ao mesmo tempo, um destaque que supõe uma conjunção aditiva. Do atual ao virtual, e vice-versa: um e-labor, exposição do real em imagem, onde a expressão e-laborar denota o jogo entre a extensão, deste incerto real, e sua apropriação numa dobra replicada no ciberespaço.

Antes de seguirmos, uma nota: cabe ponderar que compreendemos a tecnologia num desdobramento histórico, por assim dizer, onde o uso de um e-texto, por exemplo, não se opõe ao texto (impresso), mas multiplica as possibilidades de expressão; não se trata, portanto, de um trabalho sobre as tecnologias, no sentido de tema, ainda que sobre elas, no sentido de condição de possibilidades: reduplicar o atual em imagem, ampliando o jogo no pensamento, via visibilidades do real — correlação entre atual e virtual, coisa e imagem, percepção e imaginação, intuição e intelecto, e outras (in)tensões em jogo.

Inventamos, então, um Método Labiríntico que tem por objetivo último descentrar os lugares, tendo em vista o espaço, para nos tirar de qualquer centro; do nosso Eu e suas certezas que limitam a chegada dos imprevistos, pois, impreviões aqui são esperadas, enquanto dotadas da potência do desconhecido, da intrusão do fora, do virtual com possibilidades infinitas de atualização — conforme nos apresenta Nabais (2010, p.326):

Enquanto que o virtual existe tanto no plano de imanência da Filosofia, como no plano de referência da Ciência, o possível só existe no plano da composição

da Arte, isto é, no plano estético. O possível pertence ao mundo da sensação, do afecto e do percepto, que excedem todo o vivido. A possibilidade estética (pictoral, musical ou outra) nada tem a ver com a possibilidade física. Ela existe por si mesma, independente quer do material (suporte tela, pauta, livro), quer do seu modelo, quer do espectador e até do seu criador. Por isso, Deleuze e Guattari escrevem: “o afecto não é a passagem de um estado vivido para um outro, mas o devir não humano do homem [...]. É uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se as coisas, animais e pessoas [...] tivessem atingido em cada caso esse ponto conduzindo ao infinito que precede imediatamente a sua diferenciação natural”. O possível estético é a condução da sensação, pelo plano de composição, a um desenquadramento que a abre e fende para o infinito. O possível é então esse momento em que a sensação iguala o infinito.

É essa zona de indiscernibilidade que temos em vista ao produzir esse jogo de imprevisibilidade presente sobre um Método Labiríntico, e projetado sobre uma Poética da Notação: pois, enquanto notamos e anotamos, somos também anotados, de certa maneira, pelo mundo que pensamos ver, pelo real que tentamos apreender; neste mundo podemos postular não sermos muito mais do que uma nota (ou múltiplas notações que nos compõe): de sabor, de valor, de som, de tonalidade, de ressonância, de forças, de intensidades.

Jogo dos/nos corpos

Portanto, temos em vista o corpo que labora sobre o espaço, dimensionando que eles — corpo e espaço — estão em jogo, o que significa pôr em xeque a hegemonia do humano, enquanto centro, sobre as coisas do e no espaço: no limite, podemos inverter essa relação, inclusive, pela proposição de Baudrillard (2002), em que dado a linguagem com a qual pensamos o mundo, a recíproca é verdadeira, ou seja, o mundo nos pensa. A este paradoxo, de pensar e ser pensado, juntamos outro, no que se refere as categorias corpo e espaço — pensaremos com a dança, com José Gil (2004, p.14-15):

Eis o que parece decisivo: o gesto dançado abre no espaço a dimensão do infinito. Seja qual for o lugar onde se encontra o bailarino, o arabesco que descreve transporta seu braço ao infinito. As paredes do palco não constituem um obstáculo, tudo se passa no espaço do corpo do bailarino. Contrariamente ao ator de teatro cujos gestos e palavras reconstruem o espaço e o mundo, o bailarino esburaca o espaço comum abrindo-o até o infinito. Valéry sentia-se impressionado pelo fato do bailarino não dar atenção ao espaço circundante: sim, está consciente dele, mas os seus gestos introduzem nele o infinito.

O espaço do corpo, eis o primeiro ponto: há uma dimensão interna ao indivíduo (aqui estamos enfatizando o animal humano), ele possui, portanto, um espaço, mas este,

todavia, se propaga ao espaço que ocupa — seja do ponto de vista de um ambiente, território, campo de forças, palco teatral, sala de aula. Outro ponto que nos importa, e que trataremos, mais enfaticamente, na Parte 3, com o trabalho de Gumbrecht, sobre o livro *Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir*, é a tensão entre sentidos — enquanto significação — e a presença. Assim, nos interessa a contraposição, apresentada neste fragmento de José Gil, entre teatro, que reconstrói o espaço e o mundo, e a dança, que esburaca-o: transpondo essas questões para nossa elaboração de notas, sobre um Método Labiríntico para desequilibrar, justamente, o ator (enquanto aquele que produz atos de pesquisa) e o espaço produzido por ele (e antes dele), consideramos, via esse descentramento do corpo (não mais um ator, portanto) e do lugar que ocupa, permutar entre a construção do espaço e seu constante esburacamento.

Significa pensar que, mesmo sobre a contingência de um gesto definido numa notação da dança — ou de uma nota em texto, que define também um movimento —, com seu início e fim, o infinito por aí se prolonga, é anterior e posterior; a nota é um movimento estancado, um recorte, uma imagem, mas mantém a força do virtual, do que se pode prolongar na atualização via desdobramentos em sobrenotas, transposições etc., ou do próprio pensamento, no gesto mais simples da leitura; propomos, então, que imaginemos um movimento parado entre dois extremos como uma nota, da sua inserção num artigo como uma coreografia, e de seu desdobramento nesta Dissertação como uma peça cênica; afinal, há toda uma dramaturgia nesta relação corpo e espaço, onde a nota funciona como uma interface indivíduo-mundo, e o espetáculo que daí se produz — para seguir com o exemplo das artes da cena — mesclaria não só dança e teatro, mas também circo e tecnologias do audiovisual¹.

Então, seguimos mais um pouco com Gil (2004, p.15):

O movimento dançado compreende o infinito em todos os seus momentos. Basta imaginarmos um movimento parado nos seus dois extremos, fechado, acabado em todo os seus elementos constitutivos, energia, velocidade, qualidade, para que ele deixe de ser dançado. Parado nos seus dois extremos: não só continua para além do seu fim, como se abre para aquém do seu começo. O corpo do bailarino é transportado pelo movimento porque se insere nele,

¹ Não para exemplificar como um resultado, pois são de âmbitos diferentes, mas demonstrando esses procedimentos, fragmentários — compondo, então, peças —, para o âmbito da pesquisa e criação nas artes cênicas, apresento dois de meus trabalhos solo, na Sala Cênica: <http://diegoesteves.in/cena/2017/02/10/enquanto-o-novo-espetaculo-nao-vem/> e <http://diegoesteves.in/cena/2016/01/19/gestos-e-restos/>

numa linha começada antes dele, antes do seu próprio movimento, e que se prolonga depois dele, depois da ação corporal marcada por uma paragem.

Então, nos deslocamos entre presenças — movimentos, ação, percepção — e a significação — contingência, imaginação, reconhecimento —, donde não se trata, portanto, de oposição, mas de uma complementariedade da qual não podemos, mesmo que quiséssemos, escapar; ao contrário, nos parece mais promissor dar visibilidade para os problemas que emergem desta tensão, e talvez levar ela justamente aos extremos, ao absurdo, ao não-sentido. Cabe notar uma semelhança entre o que José Gil aponta nesta citação, do movimento dançado que tem início antes de seu começo e se prolonga para depois de seu fim, como o que Michel Foucault (2007, p.6) diz sobre o discurso — que também supõe, portanto, movimento —, vejamos:

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, o acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.

No mesmo livro, *A Ordem do Discurso*, tece-se considerações sobre os acontecimentos — sobre os quais, nesta pesquisa — tentamos captar o que passa, enquanto dados imediatos, com as notas; tal perspectiva pode nos possibilitar pensar a correlação entre presença e sentido, nos seguintes termos: caberia dizer, via um bergsonismo, que essa tensão entre presença e sentido seria, então, um falso problema? Pois, conforme Foucault (2007), o acontecimento é da ordem paradoxal de um materialismo incorporeal; podemos lembrar, elaborando a questão, da reciprocidade entre corpos e incorpóreos, que Deleuze e Guattari (1995b) nos apresentam — questão que desdobraremos na Parte 2 —, de modo que a dualidade nas formas de presença e sentido remetem a uma estrutura já a muito abalada. Todavia, falso problema ou não, dizer sobre a tensão presença-sentidos é enunciar um complexo processo comum ao espaço do nosso corpo, das percepções e elaborações do intelecto, do que podemos apreender pela significação no sentido, e do que nos ocorre na sensação; sobre os acontecimentos, então:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é ato nem propriedade de um corpo; produz-se como efeito e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção

paradoxal, à primeira vista, de um materialismo incorporal (FOUCAULT, 2007, p.57-58).

Neste sentido, tendo em vista uma filosofia do acontecimento — ou então, uma educação do acontecimento —, apontamos uma questão de fundo: que esta pesquisa-texto, enunciada na ideia de uma Pesquisa-improvisação, sobreposta numa abordagem denominada Poéticas da Notação, e que se compõe via um Método Labiríntico, precisa ser compreendida enquanto exercícios deste que age, experimentalmente, sobre si; habitando, assim, um espaço de ocupação consigo, microcosmo, via a imagem de um pesquisador pesquisando sobre a educação ao pensar seu próprio labor de pesquisa nos espaços que ocupa — espaços, portanto, de estudos sobre o que ocorre na educação, ou seja, neste lugar impróprio de observador e observado.

Esta inusitada compreensão de um agente que investiga o espaço através de si mesmo, ou seja, que precisa ver uma espécie de inflexão do espaço em si, via a superficialidade do que nota e anota, nos levou para a interface entre a filosofia e educação sobre a noção de exercícios espirituais, conforme nos apresenta Pierre Hadot (2002): nos estudos de si, um dobramento sobre a existência na qual se constitui — noção que é por nós apontada na Parte 1, enquanto tratamos da ideia de uma Notação Esquizográfica. Diz o autor que as práticas nas quais se incumbiam os filósofos — antes da filosofia se tornar uma área de estudo, ou campo de conhecimento — tinham mais a ver com exercícios sobre si, no sentido laboral da constituição de um espaço de estudos — no qual destacamos os *Hypomnematas* (um bloco de notas) e as práticas meditativas —, do que de um estudo sistemático sobre os fundamentos do conhecimento. Numa perspectiva análoga, Michel Foucault (2006), conhecedor do trabalho de Hadot, escreve sobre estas práticas no entorno de um ocupar-se consigo mesmo:

Para “ocupar-se”, emprega ele [Epicuro] *therapeúein*, que é um verbo de múltiplos valores: *therapeúein* refere-se aos cuidados médicos (uma espécie de terapia da alma de conhecida importância para os epicuristas), mas *therapeúein* é também o serviço que um servidor presta a seu mestre; e, como sabemos, *therapeúein* reporta-se ainda ao serviço do culto, culto que se presta estatutária e regularmente a uma divindade ou a um poder divino (p.12).

Assim, Foucault chega ao “cuidado de si”, através da noção de *epiméleia heautoû*; descreve então três maneiras de abordá-lo, que a nós interessa em função do que propomos nos textos que compõe esta Dissertação, e pelos procedimentos adotados em sua composição:

Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautoû* é uma atitude — para consigo, para com os outros, para com o mundo. Em segundo lugar, a *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se o conduz do exterior para... eu ia dizer “o interior”; deixemos de lado esta palavra (que, como sabemos, coloca muitos problemas) e digamos simplesmente que é preciso converter o olhar, do exterior dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epiméleia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo, exercício e meditação. [...] Em terceiro lugar, a noção de *epiméleia* não designa simplesmente esta atitude geral ou esta forma de atenção voltada para si. Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. Daí, uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios, cujo destino (na história da cultura, da filosofia, da moral, da espiritualidade ocidental) será bem longo (FOUCAULT, 2006, p.14-15).

Por corpos potenciais

A Parte 2 deste estudo versa sobre a ideia de um Corpo Potencial; o fato desta noção de um corpo se encontrar na segunda parte, conectando a primeira e a última, tem a ver com esta proposição ser a condição — uma espécie de conexão — da correlação pesquisa-docência (ênfases dadas na Parte 1, sobre a constituição da pesquisa, e 3, sobre a aula); trata-se dos potenciais do corpo que pesquisa, que escreve, o corpo que performa em aula, bem como do corpo do texto, do corpo curricular. É isto que se expõe, então: que esses corpos possam potencializar-se em jogo, nos encontros e composições que podem efetuar, tendo em vista a transversalidade e a heterogenia de suas partes.

Que corpo é esse, portanto? A questão colocada com Deleuze e Espinosa:

Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe-lhe instituir o corpo. ‘Não sabemos o que pode o corpo...’. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões — mas *nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo*. Porque não sabemos, tagarelamos. Como dirá Nietzsche, espantamo-nos diante da consciência, mas ‘o que surpreende é, acima de tudo, o corpo...’ (DELEUZE, 2002, p.133).

Um corpo compreendido como algo individuado, é o que vamos tratar na Parte 2; e que esta individuação posso potencializar e ser potencializada nos encontros imprevistos, é nossa suposição: como isso pode acontecer e como podemos produzir condições de possibilidade para que esses acontecimentos ocorram é o que vamos estudar — exploração iniciada na Parte 1, ao tratar da pesquisa, e que seguirá na Parte 3, sobre os

espaços de educação. A título de introdução, cabe notar, com Deleuze e Guattari (1996, p.19), sobre os dois polos entre os quais se constitui o corpo (e os potenciais): os estratos e o plano de consistência; vejamos:

Nós não paramos de ser estratificados. Mas o que é este nós, que não sou eu, posto que o sujeito não menos do que o organismo pertence a um estrato e dele depende? Respondemos agora: é o Corpo Sem Órgãos, é ele a realidade glacial sobre o qual vão se formar estes aluviões, sedimentações, coagulação, dobramentos e assentamentos que compõem um organismo – e uma significação e um sujeito. (...) Ele oscila entre dois pólos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro, o plano de consistência no que ele se desenrola e se abre a experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.19).

Um Corpo Potencial, como veremos, tem sua potência pela dinâmica relação com o virtual, com o que pode atualizar (ou virtualizar), portanto; mas também, pela sensibilidade para com as forças presentes num espaço, conforme Deleuze nos apresenta a partir do estudo de Nietzsche:

Ativo e reativo são as qualidades da força que decorrem da vontade de potência. Mas a própria vontade de potência tem qualidades, *sensibilia*, que são como os vir-a-ser de forças. A vontade de potência manifesta-se, em primeiro lugar, como sensibilidade das forças e, em segundo lugar, como devir sensível das forças — o *pathos* é o fato mais elementar do qual resulta um devir. O devir das forças geralmente não deve confundir-se com as qualidades da força, é o devir dessas próprias qualidades, a qualidade da vontade de potência em pessoa. Mas, justamente, não se poderá abstrair as qualidades da força de seu devir assim como não se poderá abstrair a força da vontade de potência. O estudo completo das forças implica necessariamente uma dinâmica (DELEUZE, 1976, p.31).

Perceber essas forças presentes num espaço, qualquer que sejam, estudá-las e compor (compor-se) com forças ativas, potentes: é disso que se trata, enfim.

Entra em cena um importante conceito, que Deleuze nos apresenta em seu estudo de Leibniz, o perspectivismo (de suma importância, também, para o pensamento nietzscheano). Deleuze, no livro *A Dobra: Leibniz e o barroco*, escreve que sujeito é aquele que vai ao ponto de vista: a perspectiva, portanto, não é a do ser, mas do ponto no qual ele se aloca — repetimos, assim, a necessidade do deslocamento, do descentramento via desequilíbrios, para variar os pontos de vista. Considerasse também, no mesmo texto, que sobre as inflexões do real o indivíduo apreende certa realidade, como uma inclusão, uma apropriação de algo que passa nestes acontecimentos:

Primeiramente, a percepção é o *datum* do sujeito preendente, não no sentido de que este sofreria um efeito passivo, mas, ao contrário, uma vez que atualiza

um potencial ou o objetiva em virtude de sua espontaneidade: assim, pois, a percepção é a expressão ativa da mônada, em função do seu próprio ponto de vista. Mas a mônada tem várias formas ativas de expressão, formas que são suas maneiras, conforme suas percepções seja sensíveis, afetivas, conceptuais. [...] Finalmente, esse devir não se acaba sem que o conjunto das percepções tenda a se integrar num “prazer inteiro e verdadeiro”, contentamento de que a própria mônada enche-se quando expressa o mundo, alegria musical de contrair as vibrações, de, sem o saber, calcular os harmônicos dessas vibrações e de tirar delas a força para ir sempre mais longe, para produzir alguma coisa de novo. Com efeito, é com Leibniz que surge em filosofia o problema que será de Whitehead e Bergson: não como atingir o eterno mas em que condições o mundo objetivo permite uma produção subjetiva de novidade, isto é, uma criação (DELEUZE, 1991, p.121).

Nosso trabalho aqui se desenvolveu no seguinte sentido: primeiro, via certa noção de improvisação, de compor-se com forças ativas, mas, antes, de estudar as dinâmicas em seus acontecimentos imprevistos — a isso chamamos de pesquisa-improvisação —; segundo, de que a modulação deste fazer se transcorre através de notas, que partem de uma sensibilidade para com as forças, notadas, de modo que a repetição do exercício de produzir índices sobre o que passa nestes espaços incertos (do texto e dos cotidianos de educação) possa nos possibilitar uma redução de probabilidades na interpretação do que aí acontece, e de valoração destes acontecimentos, via a Poética da Notação. É uma questão de interpretação enquanto produção de sentidos, operada sobre as forças que, como tais, são a-significantes:

Dizíamos que as forças ativas são as forças superiores, as forças dominantes, as forças mais fortes. Mas as forças inferiores podem vencer sem deixarem de ser inferiores em quantidade, sem deixarem de ser reativas em qualidade, sem deixarem de ser escravos à sua maneira. [...] É nesse sentido, em primeiro lugar, que a interpretação é uma arte tão difícil; devemos julgar se as forças que vencem são inferiores ou superiores, reativas ou ativas; se elas vencem enquanto dominadas ou dominantes. Neste domínio não há fatos, só há interpretações. Não se deve conceber a medida das forças como um procedimento físico abstrato e sim como o ato fundamental de uma física concreta; não como uma técnica indiferente, mas como a arte de interpretar a diferença e a qualidade independente do estado de fato (DELEUZE, 1976, p.29).

Trata-se, com efeito, de uma postura afirmativa. O potencial, todavia, se difere da potência, é a condição para sua efetuação. Espaço e corpo potencial são aqueles que possibilitam a afirmação das diferenças, das singularidades, da vontade de potência. É preciso estar atento e forte, como diz a canção: é um trabalho de arte — de composição destes corpos-espaços —, de ciência — enquanto estudo do estado de coisas —, e da

filosofia, que perspectiva e labora com conceitos no entorno de um pensamento² — um pensamento em educação.

Tudo se passa como se a afirmação e a negação fossem ao mesmo tempo imanentes e transcendentem em relação à ação e à reação; elas constituem a corrente do devir com a trama das forças. É a afirmação que nos faz entrar no mundo glorioso de Dionísio, o ser do devir; é a negação que nos precipita no fundo inquietante de onde saem as forças reativas. Por todas essas razões Nietzsche pode dizer que a vontade de potência não é apenas quem interpreta, mas quem avalia. Interpretar é determinar a força que dá um sentido à coisa. Avaliar é determinar a vontade de potência que dá um valor à coisa. Os valores não se deixam pois abstrair do ponto de vista de onde tiram seu valor, assim também como o sentido não se deixa abstrair do ponto de vista de onde tira sua significação. É da vontade de potência, como elemento genealógico, que derivam a significação do sentido e o valor dos valores. [...] A significação de um sentido consiste na qualidade da força que se exprime na coisa: essa força é ativa ou reativa? E de que nuança? O valor de um valor consiste na qualidade da vontade de potência que se exprime na coisa correspondente: a vontade de potência é afirmativa ou negativa? E de que nuança? A arte da filosofia é ainda mais complicada porquanto esses problemas de interpretação e de avaliação remetem um ao outro, prolongam-se um no outro (DELEUZE, 1976, p.27).

Uma nota atualiza virtuais, efetua-se na realidade, e nisso define valores.

Um corpo em notações potenciais, é disso que se trata, nos termos que variam entre noções de experimentações, exercícios, jogo e improvisações, todas para validar a agência daquele que avalia e valora, e nisso produz potenciais do e no presente-matéria, atualizando o passado-memória, condicionando possibilidades para o porvir.

² “Esquemáticamente podemos dizer que o virtual corresponde à Filosofia e ao plano de consistência do conceito, o actual corresponde à Ciência e ao plano de referência da função, e o possível corresponde à Arte e ao plano de composição da sensação. Estes diferentes modos de pensar e de confrontar o caos, não são mais do que a constatação do caos como uma realidade em si. Pensar, é dar consistência ao caos. Não uma relação de exclusão, mas pelo contrário, de inclusão. Pensa-se contra o caos, mas também com o caos, uma vez que, para Deleuze, pensar e ser são uma e mesma coisa. Desde o ser vivo à obra de arte, há uma autoposição do criado. Por isso, recortar o caos, torná-lo consistente, é conferir-lhe uma realidade própria. É conferir-lhe uma objectividade e uma autoposição. A Filosofia precisa de uma não-Filosofia, tal como a Ciência e a Arte. O caos torna-se Pensamento, adquire uma realidade enquanto Pensamento ou caosmos mental. A arte, a Ciência e a Filosofia são portanto os três Caóides, as três formas de pensamento e as três formas de recortar e de criar o caos. Sobre cada plano que recorta o caos produz-se uma realidade própria, um anti-caos objetivo” (NABAIS, 2010, p.326).

Este conjunto, ora apresentado como pré-requisito para o título de Mestre, é um ponto da pesquisa, que é, por sua vez, anterior e posterior a ele: o que nos importa é o labor em torno de exercícios que se desdobram em composições sobre encontros imprevistos, para traçar uma existência em jogo — é dizer, uma (auto)educação em exercícios.

O espaço, este tal, incerto, aparece como condição de possibilidade para compor corpos potenciais, e vice-versa: corpos que possam constituir espaços potenciais. Não se sabe ao certo o que vem antes e o que vem depois: estamos em jogo e, como tal, sob imprevisão.

Como um nômade, a passagem importa mais do que o ponto de enunciação, ou a forma enunciada: um caminhar errante que postula, sempre que necessário, um lugar de existência, um local real provisório (num entremeio real-ficção) — como é esta porta e sua portabilidade, transportando-nos.

PROBLEMA

1. COMO CRIAR PARA SI UM CORPO POTENCIAL?

2. COMO SE DÁ UM ACONTECIMENTO COM IMPROVISO EM JOGO?

MÉTODO: ESPIRITOGRAFEMA (OU COMO PRODUILO?)

COM "QUEM"? - NIETZSCHE: VONTADE DE POTÊNCIA (CORPO POTENCIAL)

BARTHES: PRAZER DO TEXTO (FRAGMENTO, CORPO DO TEXTO)

FORÇAS - JOGO (JOGO DIDMÁSICO) JOGO APOLÍNEO

DELEUZE E GUATTARI: NOMADOLOGIA

VALERY: ESPÍRITO TEXTO DO CORPO DA PESSOA

SIMONDON: EQUILÍBRIO INSTÁVEL (O JOGO EM IMPROVISO)

MATÉRIA: ESPETÁCULOS, CIRCOS, DANÇA, PERFORMANCE. VARIACÕES SOBRE O IMPROVISO. VEZ, TEXTOS

ACHAR GRAÇA (MÁS DA GRAÇA)

CORPOS EM RISCO ESTÉTICA DO RISCO

O PALHAÇO SUICIDA A FORÇA REATIVA DO RISO SI TRASMUDANDO EM ATUAÇÃO

COM ARQUIVOS COMO O UMA DANÇA, MALA-FORMA BARISMO OU UM COMBATE?

PERSONAGENS CONCEITUAS E QUAIS

- 1 O JOGADOR...
- 2 MALABARISTA 7O PALHAÇO
- 3 MAGO
- 4 DANÇARINO
- 5 EQUUBRISTA
- 6 GUERREIRO

- 1 ALEATORICIDADE - BARRA
- 2 MOVIMENTO EM REAÇÃO - COISAS
- 3 PRODUIR PRESENCAS - MÃO
- 4 DESVIOS - ESQUECIMENTO
- 5 MANEJO DAS TENSÕES - FORÇA CO
- 6 ATAQUES E DEFESAS - JOGO DE
- 7 FAZER RIR - DESLOCAMENTOS D

A E DESVIO (SIMONDON V&A)

DO CORPO GENCIAMENTO (JOSÉ G&A)

CORPO EM (DES)EQUILÍBRIO SIMONDON V&A (CONTATO ESTÉTICO AÇÃO)

CORPO EM (DES)CONTATO

MALABARES COM AS FORÇAS NIETZSCHE (7063)

PREPARO PARA O IMPROVISO: UM GUIA PRÁTICO PARA O IMPROVISADOR PROTOCOLO DE TREINAMENTO PARA O IMPROVISO QUÊ: QUANTO IMPROVISADOR VOCÊ É?



PARTE 1

PESQUISA-TEXTO: ESCRITA E PENSAMENTO, REAL E FICÇÃO

Na [Sala de Estudos](#), onde organizei o [Bloco de Notas](#), sugeri [caminhos de leitura](#), seriando as notas de acordo com as questões tratadas. Naturalmente, algumas notas tratam de mais de um assunto, de modo que aparecem em dois, três, ou mais caminhos. São linhas que se cruzam, portanto. Entre estas séries de notas, para as questões tratadas na primeira parte desta Dissertação, sugiro a leitura dos seguintes caminhos: “Questões de método”, “Caminhos/jornada”, “Eu/si/indivíduo/sujeito”, “Escrita/texto”, “Pensamento/linguagem”, “Invenção/composição” e “A tese da tese que não é tese”.

Destes, destaco as seguintes notas, de tal maneira que, se o leitor não tiver o tempo para se debruçar sobre o Bloco, ao menos este grupo parece ter, na minha atual leitura, algo que se destaca (lembrando que as notas são de períodos diferentes, e organizadas, justamente, por datas): [9](#), [21](#), [28](#), [29](#), [45](#), [71](#), [72](#), [95](#), [97](#).

Por fim, no que tange experimentações de escrita (e vídeos, performances etc.), não custa experimentar o [Unoego](#) (que se explica por si só).

MÉTODO LABIRÍNTICO EM JOGO⁵

Labor intus: espaços em criação

Esse texto pensa a criação de um espaço que diante do uso de algumas restrições possa lidar com o imprevisível. Impõe-se, para tanto, certas noções de jogo e desvio e, desse modo, passa a habitá-lo — espaço-texto, espaço-aula, espaço-de-si — como um ambiente que se impõe à criação na e da pesquisa-docência.

Assim perspectivado, o espaço é percebido como composto por forças ativas e reativas onde como docentes e pesquisadores nos movemos para, em jogo com essas forças, provocar encontros alegres. Tais encontros são aqueles que lidam, de certo modo, com uma potência de invenção que age em direção a uma retificação vital, ou seja, que tomam a noção de alegria da filosofia de Spinoza e que, por isso, entendem a alegria como uma paixão exterior que aproxima os homens de sua potência de ação em razão a uma afirmação da vida. Afirmar a vida significa contornar tudo que envolve a tristeza, uma vez que esta estaria a serviço da tirania e da opressão subtraindo dos homens a potência de agir. (DELEUZE, 2002); (SPINOZA, 2010).

Por essa via, esse espaço é tomado, também, como possibilidade de fruição pois, para Barthes (1987) é um espaço criado por uma procura *desejante* do próprio espaço como um lugar de jogo e imprevisibilidade. Espaço onde o prazer está tanto na métrica que o possibilita quanto, paradoxalmente, no imprevisível suscitado por essa métrica. A fruição, assim concebida, seria uma espécie de ambiência provocadora de uma “coabitação das linguagens” (1987, p.08), onde o sujeito pouco importa, pois, como um estrangeiro à deriva é o espaço como a possibilidade de uma “*imprevisão* do desfrute” (1987, p.09, grifo do autor) que se impõe.

⁵ Este texto, com pequenas alterações, foi publicado no livro *Filosofia e educação em errância: inventar escola, infância do pensar*. BERLE, Simone; CARVALHO, Allan; KOHAN, Walter. Rio de Janeiro: NEFI, 2018. O mesmo pode ser visualizado em nossa Sala de Textos, em: <https://diegoesteves.in/saladetextos/>

Deste modo, o texto aborda a criação de um espaço da e na pesquisa-docência que se impõe a desvios a partir de restrições autoimpostas, como um modo de desequilibrar o sujeito e promover o devir (enquanto acessos intermitentes de individuação). Tal intento se justifica na perspectiva de que não há um real a ser desvelado, e que diante dos “fatos” inventamos uma realidade, numa permuta entre real e ficção. Encontra-se assim no labirinto um modo de resistir ao mundo da representação, produzindo um espaço de possibilidades, de experimentação, um convite ao acaso e ao improvável, para que o pensar possa ocorrer ao pensamento.

Labirinto: jogo de imprevisibilidade

Com Deleuze e Guattari (1997), podemos afirmar que um espaço liso se constitui como uma zona de intensidades sem início e nem fim, sem ponto de chegada. Nesse espaço vigora a imagem do labirinto, do qual nos ocupamos e no qual trabalhamos como pesquisadores-docentes. Esse espaço da pesquisa, da aula e de nossa própria constituição como docentes, também nos trabalha como uma matéria em jogo com outras matérias. Um espaço de labor que compreende um complexo jogo da existência em uma pesquisa-docência da diferença. Existência produzida sob complexa metamorfose em reciprocidade.

Interessa-nos a noção de labor para pensar a tarefa da docência-pesquisa, pois, essa noção, como nos diz Compagnon (2007, p. 44), é uma potência em ação por carregar o poder simbólico na própria palavra. Mallarmé designava seus trabalhos linguísticos como um labor; os religiosos das ordens contemplativas tomavam a oração como um labor; Évrard l’Allemand propôs como etimologia para a palavra labirinto *labor intus*, ou seja, um trabalho que se faz por dentro. Deste modo, a imagem do labirinto nos ocupa e nos dá a ver a docência-pesquisa como um labor interno, esse fazer que cria, por meio de uma complexa rede de citações, um espaço que é, ao mesmo tempo, espaço de estudo, pesquisa e formação. Trata-se de um labirinto com muitas bifurcações. Entradas que são, ao mesmo tempo saídas e que, deste modo, remetem sempre a um descentramento. A um deslocamento, constante, de qualquer centralidade que lhe dê valor e simetria. O labirinto como uma figura que nos serve como o lugar do estudo (LARROSA, 2006).

Invocamos para tal a força da palavra e a potência do texto, tecendo a docência-pesquisa como o tramar de uma rede de citações num plano que se impõe a diagonais, desvios e conexões transversais, ao modo de um livro-rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

A imagem do labirinto também nos possibilita perspectivar o aprender, ao considerar que as restrições que se apresentam nesse labirinto, e que nos impossibilitam de visualizar todo esse vasto campo que podemos chamar de mundo, não são mais do que os limites do nosso saber. Nesse sentido, assim como nos propõe Nietzsche, o mundo precisa ser decifrado, e esse decifrar não é da ordem de um desvelar, mas sempre de uma invenção (GRANIER, 2009); (LARROSA, 2009).

A ideia do texto como uma rede de citações nos possibilita perspectivar um modo de fazer pesquisa em Educação. Esse modo, investido na experimentação provocada pelas vertigens do labirinto, nos coloca a pensar uma didática que se utiliza do acaso para produzir encontros e composições heterogêneas. Por essa via, nos ocupamos do labirinto onde, por caminhos que se cruzam, o fazer pesquisa e o fazer uma aula se encontram sobre o sentido da ficção: ambos criam problemas e perguntas que não podem ser respondidas se não por uma invenção. Nesta perspectiva, a realidade não passa de uma invenção, uma rede de ficções e a educação um modo de potencializar os corpos em boas ficções (FLUSSER, 2006); (LARROSA, 2009).

Não há método existente que não seja um caminho inventado por outros; nestes a pesquisa e a docência se enveredam ou, tomando forças dos caminhos outrora percorridos, inventam seus próprios criando seus métodos. O labirinto então se impõe em resistência ao percurso linear, a identificação, a reconhecimento, não pretende chegar: reafirma a multiplicidade da existência, prolifera imagens no pensamento, intenta produzir um espaço coabitado pela heterogeneidade. Por essa via, incerta, não há caminhos, nem respostas, ainda que provisórias, que não sejam uma ficção.

A partir deste ponto seguimos a viagem, sobretudo, com Nietzsche e Deleuze e, em alguns momentos, com outros companheiros. Mas ao fim e ao cabo viajamos sempre sozinhos, e nessa vertigem do labirinto fizemos palavras nossas as dos outros — e com o que nos afeta, nos encontros, chegamos as nossas verdades, fizemos ficções, compomos modos de ser em meio à vida.

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu à minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminhos, - isso, ao meu ver, sempre repugna! Preferia perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. Um ensaiar e perguntar foi todo o meu caminhar - e, na verdade, também tem-se de aprender a responder a tal pergunta! Este é o meu gosto, do qual já não me envergonho nem o escondo. “Este é o meu caminho, onde está o vosso?”, assim respondia eu aos que perguntavam “pelo caminho”. O caminho, na verdade, não existe! (NIETZSCHE apud LARROSA, 2009, p.40).

Como se tornar o que se é em uma poética da vertigem

O corpo é um complexo jogo de forças, intensidades e fluxos, latitudes e longitudes que não para de ser estratificado. Os estratos definem um sujeito, a captura reduz os fluxos. Entendemos a educação como um modo de desequilibrar, de promover o devir em direção a outro ser sempre por vir — por caminhos nos quais, apesar das incertezas, os movimentos se precipitam. Após deslocamentos um novo equilíbrio instável se instaura, uma paragem entre sequências de acessos de individuação (DELEUZE, 2002); (DELEUZE; GUATTARI, 1996); (SIMONDON apud CORAZZA, 2013).

A paragem como um momento de investigar um ponto do labirinto, explorar suas superfícies e recolher invenções em composições imprevistas, até que se rompa novamente o equilíbrio em movimentos desorientados para outros encontros numa vertigem labiríntica da/na pesquisa-docência. Trata-se de pensar que, segundo Adó (2014, p.4),

[...] parece haver certa impassividade para com aquilo que nos constitui; nossas ações cotidianas. A superfície de nossos dias de professores e alunos — e nisso entra a pergunta pelo espaço de/da aula, — é por nós, agentes desse processo, notada, vista, anotada? Que corpo de imagens poéticas podemos formar de uma aula?

Então, para desorientar e desequilibrar criam-se jogos que promovem restrições que se apresentam ao sujeito (e à linguagem através do texto), para que o corpo desvie: o corpo é composto de forças ativas, capaz de se transformar, é um sábio desconhecido (DELEUZE, 1976).

Assim, jogar é criar os caminhos de um labirinto, pois “[...] o homem joga justamente porque não sabe: assim como se desconhece o destino da vida, ignora-se o desfecho da partida, da disputa, da escrita a partir de uma regra *a priori*” (PEREIRA,

2012). Entra-se então neste labirinto inventado para afirmar a vontade que se apresenta, a partir de Nietzsche, como fundamento do ser e da existência, a vontade de jogo; neste espaço imprevisto e descentrado produzimos fissuras nos estratos que restringem os fluxos, colocando o sujeito em jogo.

Para “chegar a ser o que se é” há que combater o que já se é. Porém, o sentido dessa luta é afirmativo. Qual é a natureza dessa afirmação? Naturalmente, nada que tenha a ver com o saber, com o poder ou com a vontade. Ao menos, se entendemos “saber”, “poder” e “vontade” como os atributos de um sujeito que sabe o que é e o que quer, e que é capaz de sobreimpor sua própria vontade a qualquer outra vontade que pretenda determiná-lo (LARROSA, 2009, p.52).

Se o pesquisar é um operar com a linguagem através do texto, do mesmo modo, não há currículo sem linguagem. Nesse sentido, uma Educação contemporânea que se afirme na diferença precisa resistir aos jogos de verdade operados através da linguagem; embaralhar os códigos, produzir efeitos de superfície, tornar visível a incerteza sobre a qual a educação trabalha: um mundo como aparência onde nada mais se pode fazer do que decifrar seus efeitos, ou seja: inventariar, compor e inventar sua ficção, essa tal realidade. Uma Educação que faz de si e dos corpos espaços perpétuos de reinvenção.

Trata-se de uma postura, do docente-pesquisador que cria os próprios jogos, e propõe o espaço de uma aula em jogo. Criar labirintos dentro de labirintos, desequilibrar também a língua, o sentido e as definições do conhecido. O Método Labiríntico de uma pesquisa-docência se afirma numa poética que se coaduna com a vertigem, se comendo na incerteza da errância e em jogo com o acaso, por uma afirmação ativa da diferença. Com Nietzsche, libertar as coisas da servidão da finalidade:

Nietzsche identifica o acaso ao múltiplo, aos fragmentos, aos membros, ao caos: caos dos dados que sacudidos e que lançamos. Nietzsche faz do acaso uma afirmação. O próprio céu é chamado de “céu do acaso”, “céu inocência”; o reino de Zaratustra é chamado de “grande acaso”. “Por acaso, esta é a mais antiga nobreza do mundo, eu a restitui a todas as coisas, eu a libertei da servidão da finalidade... Encontrei em todas as coisas esta certeza bem-aventurada de que elas preferem dançar sobre os pés do acaso”. “Minha palavra é: deixem vir a mim o acaso, ele é inocente como uma criancinha”. O que Nietzsche chama de necessidade (destino) nunca é, portanto, a abolição do acaso, mas sim sua própria combinação (DELEUZE, 1976. p.15).

Convite ao acaso: a pesquisa e a aula como espaços de encontros e composições heterogêneas

Se a realidade é aqui entendida como uma ficção, e se esse “chegar a ser o que se é”, do mesmo modo, é sempre um vir a ser inventado, ficcional, a essas afirmações a Educação não pode passar alheia. O estúdio de pesquisa, uma sala de estudo, e a sala de aula, são aqui abordados sobre uma mesma perspectiva: espaços para encontros singulares. A pesquisa e a aula assim compreendidas como composições, mas antes, como a criação de condições para que a criação aconteça: possibilitar um espaço que potencialize invenções, que possibilite bons encontros e boas ficções; leia-se: boas educações.

O espaço da sala de aula, assim como o queremos, também se personifica como elemento interativo e relacional. É ele, o espaço, também personagem. Vitaliza, com suas funções hápticas, a organicidade das vidas que fogem para todos os lados desse espaço-relação. A sala de aula, com seus limites e composições, é, também, um lugar de constante estado de desequilíbrio, impermanência, virtualização; espaço que preza, em sua própria composição dispositiva, um campo de diferenças (ADÓ, 2014, p.7).

A educação e o pesquisar em educação tem então uma relação com a infância, dessa dimensão crianceira do jogo, da brincadeira, da inocência, e do acaso. Quando não há um ponto de chegada, não há, portanto, uma meta externa a ser conquistada. Assim, a educação passa a ser a afirmação da conquista de um conhecimento, e esse como um empoderamento do discente com a matéria (currículo) sobre a qual trabalha, para com ela afirmar seu modo de conhecer o mundo e o mundo que deseja conhecer; e, ao fazê-lo das combinações possíveis com as matérias escolhidas, tem em resultado uma “colagem” que define como a sua realidade e assim define a si. Nas palavras de Larrosa (2009, p.57):

Isso que somos e que temos de chegar a ser está claramente do lado da invenção. O homem é um animal de invenção, e as diferentes formas de consciência não são senão produtos dessa função inventiva, dessa capacidade de invenção. Por isso, Nietzsche não distingue realidade e ficção, mas a ficção má, enferma, e a ficção boa, sã, em função da qual está sua relação com a vida. Haveria então uma ficção má, temerosa e negadora da vida, e uma ficção boa, afirmativa, produtora de novidade, de intensidade, criadora de possibilidade de vida.

Nos parece importante retornar a Compagnon: o labirinto como uma rede de citações (aqui se projetando na pesquisa e currículo) sobre o qual trabalhamos, mas que ao mesmo tempo nos trabalha. A conquista do conhecimento é assim entendida como uma conquista de si e, sem embargo, é um ser conquistado pelo conhecimento do

conhecido que se passa a conhecer: ao dar a ver quem se é insere-se numa narrativa ficcional. Destitui-se assim uma presumida soberania do sujeito na hierarquia sobre o objeto (que deixa de ser servil). A capacidade para escrever sua história, enquanto conquista e apropriação do real, somente torna-se possível ao perceber-se como um personagem que escreve sobre a própria história da qual é um personagem. É uma escrita que joga consigo, ao escrever seu mundo, sua realidade, sua vida, e tem na inocência o sentido e o motivo de sua existência. Como afirma Deleuze (1976, p.14) no livro dedicado a Nietzsche:

A inocência é o jogo da existência, da força e da vontade. A existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada, essa é a primeira aproximação da inocência. [...] Heráclito é aquele para quem a vida é radicalmente inocente e justa. Compreende a inocência a partir de um instinto de jogo, faz da existência um fenômeno estético.

Para tanto, a criação desse espaço da pesquisa-docência precisa supor vazios a serem preenchidos. Ao desviar de uma composição antecipadamente prevista em um planejamento que chegaria resolvido em aula, esse espaço é um convite ao acaso. É preciso reforçar que de modo algum se abandona o planejamento, ao contrário, sua importância aqui ganha força: é preciso criar estratégias para desviar da representação.

É um exercício de definir margens e criar espaços em branco para serem escritos pelo leitor. É um modo, uma certa fé no plano de imanência, nos movimentos que passam em uma aula, ou numa pesquisa, e nos encontros que se transcriam e se compõe em texto, e na composição de si — nessa autoficção que se confunde com uma autoeducação ao afirmar sua diferença. Um espaço vazio repleto de forças, uma superfície sobre o qual o aluno pode escrever à sua vontade — plano de imanência e vontade de potência (ADÓ, 2014); (DELEUZE, 2002).

Neste espaço-aula, tanto quanto no espaço-texto, os movimentos passam a valer pelos encontros alegres e pelas boas composições que possamos fazer com nossos corpos: corpo discente, corpo docente, corpo do texto-pesquisa. O movimento vale por si, e não é subjugado pelas formas que pode, eventualmente, compor. Partimos da ideia da inocência como a justa medida do mundo onde, de um lado se apresenta sua falta de sentido e, de outro, o sentido que se pode dar nesse jogo — e aqui a poética se desdobra em política e ética, para assim não fazer da inocência ingenuidade.

Responde-se assim a pergunta “o que minha vontade quer?” numa resposta que se compromete com os outros, ao inseri-los nas entrelinhas da pergunta: pois o que eu quero, quero em minha solidão, e esta é povoada pelos que amo, e por estranhos, por tantos outros que vivem nesse labirinto chamado existência e no qual escolho viver deste ou doutro modo; e nele me disponho para encontros que possam também potencializar esses outros. A vontade de potência, na educação entendida como um viver junto, é uma vontade de potência que deseja que a potência também seja vontade destes outros, para prover um potencial coletivo e afirmação das singularidades.

Todavia, é preciso responder a pergunta e, antes, fazê-la, e nisso o sentido das práticas em educação, para as quais o labirinto se dispõe como método paradoxal, ao prover caminhos incertos, bifurcações, pelos quais, na tentativa de respostas, eventualmente, se chega a ser quem se é, como afirmação da diferença.

Nietzsche substitui o elemento especulativo da negação, da oposição ou da contradição, pelo elemento prático da *diferença*: objeto da afirmação e do gozo. É nesse sentido que existe um empirismo nietzschiano. A pergunta tão frequente de Nietzsche: o que uma vontade quer? o que quer este? aquele? não deve ser compreendida como uma procura de um objetivo, de um motivo nem de um objeto de vontade. O que uma vontade quer é afirmar sua diferença. Em sua relação essencial com a outra, uma vontade faz de sua diferença um objeto de afirmação (DELEUZE, 1976. p.7).

Como entrar no labirinto

O labirinto passa a existir quando começamos a habitá-lo, quando afirmamos sua existência. Justo aí entramos: inventamos um labirinto ao passar a percorrê-lo, e vice-versa. Nosso labirinto, diferente do labirinto de Creta, onde Teseu derrotou o Minotauro, não existe *a priori* e, tampouco há um fio para guiar a saída. Ademais, não desejamos sair deste labirinto: imaginamos e criamos nosso próprio labirinto que se constrói a cada novo passo desse jogo-ficção. Com Borges (2001, p.106), poderíamos descrevê-lo assim:

Imaginei-o infinito, não somente de quiosques oitavados e de sendas que voltam, mas sim de rios e províncias e reinos... Pensei num labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros.

Nosso labirinto é então incerto por dois motivos: pelo próprio modo enigmático de existir do labirinto e por não existir previamente, ou seja, é indefinido por não existir até que nele se entre: espaço improvável que se compõe na incerteza do jogo. Se o

labirinto pode ser entendido através da ficção e como um jogo, é preciso aceitar que essa invenção nos chega como de improviso: não se trata de uma criação regrada pelo humano e que dividiria o acaso para dominá-lo. Nos cabe afirmar com Deleuze (2007, p.62), então, de qual jogo se trata:

1º) Não há regras preexistentes, cada lance inventa suas regras, carrega consigo suas próprias regras. 2º) Longe de dividir o acaso em um número de jogadas realmente distintas, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo em cada jogada. 3º) As jogadas não são pois, realmente, numericamente distintas. São qualitativamente distintas, mas todas são as formas qualitativas de um só e mesmo lançar, ontologicamente uno [...] O único lançar é um caos, de que cada lance é um fragmento. Cada lance opera uma distribuição de singularidades, constelação. É o jogo do problema, dos problemas e da pergunta, não mais do categórico e do hipotético. 4º) Um tal jogo sem regras, sem vencedores nem vencidos, sem responsabilidade, jogo da inocência. [...]. O jogo ideal de que falamos não pode ser realizado por um homem ou por um Deus. Ele só pode ser pensado e, mais ainda, pensado como não-senso. Mas, precisamente: ele é realidade do próprio pensamento. É o inconsciente do pensamento puro.

As vias do labirinto são assim inventadas a cada nova investida, nos desdobramentos de uma pesquisa, nos deslocamentos de uma aula. A condição de existência desse labirinto é o desvio: que esse labor interno se antecipe aos movimentos dos estratos, sobretudo da linguagem e do sujeito, que promova desequilíbrios suficientes para sair do eixo, mas não demasiados para que provoquem uma queda vertiginosa: experimentar sem esquecer-se da prudência, produzir linhas de fuga que vitalizam a vida. Se perder para novos encontros, possibilitar novos roteiros, que se apresentam no andar, e assim participar de outras histórias.

O labirinto, tal qual esse jogo ideal que nos apresenta Deleuze, se dá no pensamento e se apresenta como paradoxo e não-senso. A própria ideia de construir para si um labirinto do qual não se deseja sair já denota certa falta de sentido, mas não de propósito: não falta coerência ao ato de se precipitar numa busca que não deseja encontrar nada (em específico) e por isso pode encontrar tudo (enquanto possibilidade). Ato de quem entende que a única permanência na vida se apresenta sobre a forma da transformação, e que, portanto, nem um ponto de chegada seria um fim, porquanto a transformação faz de tudo um meio.

Um fazer da pesquisa e da docência espaços que não afastam essa ausência de sentidos que a nós se apresenta: que não se coaduna com identidades fixas, com os movimentos viciados da reconhecimento, com metas específicas em uma vida objetivada; uma

ética comprometida com a potência, em prol de uma vida inteira, que é essa que pode se perder sem por isso estar perdida de fato, uma vez que não está a procura de uma saída, e sim jogando com as possibilidades indefinidas por escolher se colocar à deriva. Como nos propõe Bataille, no prefácio do texto *Sobre Nietzsche: vontade de chance* (2017), de que o ser só pode se manter inteiro sem inserir sua ação no tempo, sem ser subjugado por um fim que lhe ultrapasse: trata-se de definir a vida não por uma marcha, mas por uma dança improvisada.

Desse modo, educação e pesquisa (e vida) fazem suas definições provisórias na invenção de um território de experimentação em meio ao caos, para que dali adiante encontre outras conexões possíveis nesse labirinto vital, sob o qual ruge o abismo — sobre este por vezes precisa-se passar com velocidade, sendo prudente não olhar por muito tempo.

Não se colocar em marcha, mas dançar. Não definir uma meta, mas possibilitar e estimular os movimentos ao proporcionar desequilíbrios. Não entrar num caminho já existente, onde podemos supor os encontros que nos esperam, mas inventar seus próprios caminhos errantes; a imagem do abismo e do caos nos fazem lembrar, e talvez olhar, para a loucura; a ideia de se perder significa também aceitar os riscos (e estes estão sempre presentes na vida apesar das tentativas de suprimi-los ao presumir ordenar as coisas); assim nos reencontramos com este sábio (ou seria um bufão?), este que não perguntava pelos caminhos, e que nos apresenta o reino do grande acaso: “Zaratustra só pode ser entendido no encantamento do riso, que, por não vivermos no riso e sim ordenando em nós a explicação das coisas, está fechado para nós: no encantamento do salto, que é o riso da dança” (BATAILLE, 2017, p.362).

São por estes caminhos incertos, inocentes, desviantes, jocosos, sinuosos e por vezes tortuosos que, eventualmente, retornamos a um mesmo ponto: e neste reencontro nos perspectivamos como pesquisadores e educadores. Um fazer pesquisa e uma didática que não definem uma meta, mas afirmam um estilo: um certo modo de explorar o mundo e conhecê-lo em um viajar que se define num jogo incerto e que faz deste andar uma dança improvisada, e uma dança que ri.

Jogo-dança de uma viagem improvisada para se chegar alhures

Texto que não pode chegar ao fim, imbricado no jogo imposto ao pensamento, colocado à prova sem, contudo, ter qualquer vitória em vista. Escrita como sinônimo de tradução, que projeta um duplo de si no texto, fazendo dele um espaço vital de acontecimentos e ideias que nos chegam de improviso.

Relação possível entre escrita e dança: nos dispomos neste espaço como um dançarino que improvisa sua dança, e que faz dela sua existência. Se é uma pesquisa sobre educação, também é uma autoeducação em pesquisa. Pesquisador e pesquisa aqui não se separam, mas compõe-se numa dança em texto. Não há tampouco a ilusão de uma quarta parede que separa pesquisador-escritor e leitor: estamos todos em cena — nos encontramos, e com tantos outros, neste labirinto.

A tessitura destas linhas nos projeta no texto como docentes-pesquisadores: mas este nós é coletivo, um outro, descentrado pelo jogo que, paradoxalmente, impõe a si. Escrita que precisa escrever-se com certa dose de imprecisão: como quem escreve incerto por seguir os caminhos tortos deste labirinto, ou pela vertigem que ele provoca, ou ainda, por se encontrar aí exilado de partes de si. Perder a verticalidade que define nosso centramento, colocar-se em movimento atravessando fronteiras que nos identificam a território definidos.

Sabemos que para cometer certa travessia como essa, a que comporta um exílio, é necessário que estejamos prontos para perder muitas coisas. Para passar certa fronteira e começar a habitar uma Educação que experimenta e cria é necessário estar disposto a perder certezas, estabilidades, razões hierárquicas utilitaristas, autoridade arbitrária e inútil e, nessa perda, ganhar ou reinventar a capacidade de estranhar, a capacidade de ler (ao ter perdido o modo harmônico de fazer uma leitura) a capacidade de naufragar como fez o Robinson de Michel Tournier que, depois do naufrágio e da redescoberta da terra, pelo encontro que teve com Sexta-feira (o araucano), deu outro valor ao governo da terra, do medo, dos outros e de si (ADÓ, 2016, p.144).

Andar neste labirinto é trabalhoso: um labor interno para o qual é necessário se nutrir, mas somente com o que for indubitavelmente necessário. É preciso se mover com leveza entre e com as palavras, com o pensamento. Frente ao acúmulo de conteúdo, de um aprender sem fim, resistir com os pés leves de uma educação dançante: desfrutar um compor e decompor em uma vertiginosa viagem. É preciso então desapego e aceitar que navegar é impreciso — e talvez até desejar o naufrágio. É preciso viajar sem GPS, e com pouco peso. Novamente, com Nietzsche:

Não há fórmula capaz de determinar a quantidade de alimentos de que necessita uma inteligência; se por suas aficções inclina-se para uma independência, para uma chegada repentina, para uma partida rápida, para as viagens, talvez para as aventuras, para as quais só tem aptidão os mais velozes, preferira sustentar-se com frugal alimento ao invés de viver farta e assujeitada. O que o bom bailarino pede como sua alimentação não é gordura, mas uma grande agilidade e um grande vigor, e nada pode apetecer melhor o gênio de um filósofo que ser um bom bailarino. A dança é seu ideal, sua arte particular e, por último, sua única piedade, seu “culto” (apud LARROSA, 2009, p.36).

Fazer uma escolha e fazer dessa escolha um estilo. Um modo de pesquisar a docência, e um modo de fazer docência, que entende a educação como um pesquisar e este pesquisar como um criar problemas; e estes, por sua vez, como um criar perguntas para as quais inventamos respostas; respostas que inventam novas perguntas e novos problemas, nos colocando sempre de volta ao labirinto. “[...] Criar possibilidades inesperadas que coloquem em jogo o próprio fazer, descentralizando uma prevista e imaginada autoridade do docente pesquisador” (ADÓ, 2014, p.11).

Nesse labirinto nos perdemos e nos encontramos, seguimos pistas, inventamos fórmulas. Andamos em círculos e voltamos para os mesmos pontos que já não são mais os mesmos, dados sobre uma nova percepção. A pesquisa-docência que faz de si uma aventura: com suspense, com humor, com amor, com labor: sempre com coisas por acontecer. Talvez possamos nos aproximar do que no diz Deleuze sobre o escrever, no prólogo de *Diferença e Repetição*, quando propomos este espaço do labirinto como um modo de habitar uma pesquisa-docência que inventa-se ao se jogar neste espaço — e nisso se afirmam seu estilo e método. Trata-se de uma posição que não só assume sua ignorância, mas busca encontrar-se com ela ao exilar-se do que em si reforça o peso do conhecimento, das identidades, das certezas; e neste espaço improvável que se instaura, um espaço-texto, espaço-aula, e espaço-de-si, possibilitar ficções.

Um livro de Filosofia deve ser, por um lado, um tipo muito particular de romance policial e, por outro, uma espécie de ficção científica. Por romance policial, queremos dizer que os conceitos devem intervir, como uma zona de presença, para resolver uma situação local. Modificando-se com os problemas. [...] Ficção científica também no sentido em que os pontos fracos se revelam. Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro (DELEUZE, 1988, p.18-19).

ORIENTAÇÃO

SALA DE ABRASÇAMENTO, MATERIAL, CÊMICA,
DEBATE, FOTOGRAFIA, DE TUDO, ESSA, AULA,
ESTAR VISITAS, ESTUDOS/TEATRO

SEGMENTAÇÃO DE CONFERÊNCIAS, DE REUNIÃO

ISOLAMENTO

EQUILÍBRIO/ES
TABILIDADE

FLUIDEZ / LINGUAGEM
MANIPULAÇÃO BOLEZ,
PASSÃO

ESPAÇO

AULA
DIDÁTICAS

TEXTOS

COISAS

MATÉRIA

OBJETO

CORPOS

HUMANOS

POTENCIAL
CORPÓREO

MUNDO NO PENSAMENTO

ENVOLVIMENTO / DELÍGUA

ESTOU PENSANDO
DO QUE SE TRATA
ESSA DISSERTAÇÃO

NOTA
PARA
SULZGARTEN

01/03 - 70
02/03 - 68
03/03 - 65
04/03 - 63-64



CRÍTICA A APRENDIZAGEM

ESTUDO

EXERCÍCIOS

EXPERIMENTAÇÃO

JOGOS - IMPROVISOS

DISPERSÃO
ESPERA
ATENÇÃO

IMPRESÃO

FAZER

IMEDIATO POÉTICA

PRODUZIR
COMO CRIAR UM
CORPO POTENCIAL

2019/01

ENCONTRO ENTRE CORPOS-EC ESTUDOS DE
EM JOGO: DE IMP

VARIAÇÕES SOBRE O EQUILÍBRIO-VE

VARIAÇÕES SOBRE O EQUILÍBRIO EM COLT

DESDOBRAMENTOS - ABRIL/MARÇO - EVENTO

ESTÁGIO LUCIANO-
ESTÁGIO MÁXIMO-
VER

DISSERTAÇÃO / SITE - DEZ/JAN/FEV

7 ESTUDOS / 5 PROPOSTAS - INTENSIVO TAN/REV
DEB MÚSICAS / C&E

CONCLUSÃO

PESQUISA-IMPROVISAÇÃO

Uma tentativa de descrição, impossível

Onde nos encontramos? O que está em jogo em “nosso tempo”, quais as técnicas, tecnologias e procedimentos nos servem (ou à eles somos servis, ou íntimos cúmplices?) para compreender — ou ao menos tentar, com certa desenvoltura — nosso tempo e espaço?

Estamos, pois, desdobrando estudos acerca da Educação, mas é preciso, todavia, recuar um pouco, diminuir o *zoom* e visualizar o hipercampo; sem prejuízo, ponderar que esse ponto que define uma perspectivação possível remete a nossa contingência e suas singularidades. Portanto, não almejamos qualquer constituição de uma verdade sobre “nosso tempo”, contudo, sem conjecturar nossas condicionantes, as forças e tensões — ou a ausência delas —, corremos o risco de pautar nossos estudos sobre um fundo, digamos, desatualizado: como se tivéssemos olhando para uma imagem de duas décadas atrás — a qual, se considerarmos a velocidade com que se proliferam as informações, resultaria em uma imagem consideravelmente defasada no tempo.

Passamos a postular, então, o seguinte: o dimensionamento euclidiano do espaço, o qual já emoldurou nossa relação com o real, não dá conta, há muito, da realidade; o mesmo passaria com a dimensão Reiminiana, estudada por Deleuze e Guattari (1997b) no platô *Tratado de Nomadologia* (ainda que ela seja de nosso interesse e seria, por assim dizer, mais atualizada). Postulamos então que nossos estudos sejam tomados tendo em vista uma dimensão quântica, o que significa, em poucas palavras, ser operado sobre uma incerteza fundamental, ou seja, não como um estado transitório à meio caminho da conquista de uma verdade — esqueçamos, ao menos por um momento, o ideal de senso crítico —, mas como condição *sine qua non* da existência (e logo, do pensamento sobre ela). Vejamos, com Baudrillard (2002, p.25):

O princípio da incerteza, segundo o qual é impossível calcular simultaneamente a velocidade e a posição de uma partícula, não se limita à física. O mesmo se dá com a impossibilidade de avaliar ao mesmo tempo a realidade e a significação do acontecimento na informação, de distinguir as causas e os efeitos em tal processo complexo, o terrorista e o refém (na Síndrome de Estocolmo) ou o vírus e a célula (na patologia viral) — tão

impossível quanto desemaranhar o sujeito e o objeto na experimentação microfísica. Cada uma de nossas ações está no mesmo estágio errátil que o da partícula microscópica: não se pode nelas avaliar ao mesmo tempo o fim e os meios. Não se pode ao mesmo tempo calcular o preço de uma vida e seu valor estatístico. A incerteza se infiltrou em todos os domínios da vida.

Considerar assim, de antemão, com Baudrillard (2002), que a realidade é uma impostura, projetada sobre um real compreendido como uma ilusão fundamental. Mas, a partir desta perspectiva, o que nos resta, sobretudo enquanto pesquisadores, se operamos sobre uma ilusão? Ora, que se jogue o jogo da ilusão, por uma via poética, numa incursão de pesquisa que, desde sua partida, sabe que inventará suas realidades — a qual terá que abarcar a incerteza em sua própria constituição.

E isso em função não da complexidade dos parâmetros (essa podemos sempre vencer), mas de uma incerteza definitiva ligada ao caráter irreconciliável dos dados existentes. Se não podemos captar ao mesmo tempo a gênese e a singularidade do acontecimento, a aparência das coisas e seu sentido — das duas uma: ou dominamos o sentido e as aparências nos escapam, ou o sentido nos escapa e as aparências são salvas. Pelo próprio jogo das aparências, as coisas se afastam cada vez mais de seu sentido e resistem à violência da interpretação (BAUDRILLARD, 2002, p.25).

No que tange, então, um dimensionamento quântico em nossa relação com o real, haveria um trato do nosso objeto de estudo que passa a considerar essa tensão entre aparência e sentido, tendo em conta o paradoxo nesta relação (lembramos de experimentos da Física moderna, que colocam em dúvida a noção de partículas elementares¹⁴, e, ademais, inserem a presença do observador¹⁵ como condicionante do que é observado). Essa abordagem registra uma orientação para a aparência, em exercícios de pesquisa que possibilitem apreender esses movimentos, agir num espaço-tempo a-significante: ou seja, constituir condições de possibilidade onde o objeto (que é energia) permaneça, embora em destaque, sobre o Nada, envolto, portanto, em incertezas — dado que o parâmetro passa a ser os movimentos, e não as figuras, que são transitórias e produzidas pela imaginação do observador em reciprocidade com as matérias fluxos.

¹⁴ Conforme nos apresenta Fritjof Capra, em seu livro *O Tao da Física*: “Os experimentos de espalhamento em alta energia, realizados ao longo das últimas décadas, tem exibido aos nossos olhos, de modo notável, a natureza dinâmica e em perpétua mudança do mundo das partículas. A matéria aparece nessas experiências como algo completamente inconstante. Todas as partículas podem ser transmutadas em outras partículas; elas podem ser criadas da energia e podem desfazer-se em energia. Nesse mundo, conceitos clássicos como “partículas elementares”, “substância material” ou “objeto isolado” perderam qualquer significado. A totalidade do universo aparece-nos como uma teia dinâmica de padrões inseparáveis de energia” (2006, p.66-67).

¹⁵ “Na Física moderna, o universo é, pois, experimentado como um todo dinâmico e inseparável, que sempre inclui o observador, num sentido essencial. Nessa experiência, os conceitos tradicionais de espaço e tempo, de objetos isolados, de causa e efeito perdem seu significado. Essa experiência, entretanto, é muito semelhante a dos místicos orientais” (CAPRA, 2006, p.68).

Esses procedimentos foram desdobrados no que chamamos de uma Ciência da Imprevisão e, conseqüentemente, no que tange a imaginação — enquanto apropriação e produção de imagens —, pela Poética da Notação. Com efeito, ponderemos, ainda com Baudrillard (2002, p.14), a relação com o Nada.

Se é o Nada, cujo o esquecimento e denegação acarretam a desregulação catastrófica dos sistemas, de nada serve conjurar esse processo pela associação mágica de um corretivo *ex machina* — regulação que vemos ser feita nas ciências físicas, biológicas, econômicas, por intervenção de sempre novas hipóteses, novas forças, novas partículas, para resolver as equações. Se é o Nada, cuja a ausência faz falta, é o Nada que deve ser posto ou reposto em jogo, sob o risco de uma incessante catástrofe interna.

Nos termos do que nos apresenta Nietzsche (2005b), estamos sobre o fundo trágico da existência, ou, nas palavras de Deleuze (1988), do sem-fundo. Desta feita que, o que nos resta (e nesse contexto os restos importam sobremaneira) é tomar a existência como fenômeno estético — no sentido de que operamos sobre aparências, num real como ilusão fundamental —, e sobre ela agimos na produção de imagens, de sentidos, enquanto uma poética da existência. De tal modo que, como já afirmamos, essa agência no entorno da pesquisa, como exercício de apropriação deste objeto de estudo, da significação, antecedido pelos procedimentos de uma Ciência da Imprevisão, passa a ser tratado, em nossa proposição, por Poéticas da Notação, ambos compondo uma Pesquisa-improvisação. Enquanto perspectivismo, que demanda um ponto de vista, e o respectivo deslocamento do sujeito até este ponto, importa lembrar que ele também, enquanto observador, se transforma na relação com este real, tanto pelo deslocamento em si, quanto pela apropriação, da inclusão, desta apreensão; vejamos como Deleuze (1991, p.36) trata esta questão:

Não é exatamente um ponto, mas um lugar, uma posição, um sítio, um “foco linear”, linha saída de linhas. Esse lugar representa o *ponto de vista*, na medida em que representa a variação ou inflexão. É esse o fundamento do perspectivismo. Este não significa uma dependência em face de um sujeito definido previamente: ao contrário, será sujeito aquele que vir ao ponto de vista, ou, sobretudo, aquele que se instalar no ponto de vista. Eis porque a transformação do objeto remete a uma transformação correlativa do sujeito: este não é um *subjecto*, mas um *superjecto*. [...] Não é o ponto de vista que varia com o sujeito, pelo menos em primeiro lugar; ao contrário, o ponto de vista é a condição sob a qual um eventual sujeito apreende uma variação (metamorfose) ou algo = x (anamorfose).

Nesse sentido, parece ser necessário ainda retomar um problema, já apontado em texto anterior: o antropocentrismo.

Somos todos coisas

Se fossemos resumir a questão a qual adentramos, para nossa apreensão em torno de uma Pesquisa-improvisação, de forma propositiva, seria: “a convergência do pensamento não é mais a da verdade, mas a de uma cumplicidade com o objeto e de uma regra do jogo em que o sujeito não é mais o senhor” (BAUDRILLARD, 2002, p.23). Passamos a desdobrar a questão e, para isso, nada melhor do que citar um livro “sem autor”, de autoria de um Comitê Invisível (2016, p.38):

A esquerda da esquerda, quando lhe perguntam, em que consistiria a revolução, apressa-se a responder: “colocar o humano no centro”. O que essa esquerda não percebe é que o mundo está cansado do humano, o quanto nós estamos cansados da humanidade — essa espécie que se considerou a joia da criação, que se considerou no direito de tudo pilhar, pois tudo lhe pertencia.

A esquerda da esquerda da esquerda seria, então, anti-humana? A esquerda da esquerda da esquerda, seria, também, por essa via, anti-política (enquanto esta trata da relação entre humanos)? A esquerda da esquerda da esquerda, seria, portanto, anti-esquerda? Ou, a-esquerda? Estamos sobre o Nada que tudo rodeia, cuja ausência precisa ser comportada nos sistemas, pois produz relevantes efeitos no mundo. Assim, ao pensamento, que age sobre e com a realidade (ou que a produz?), é preciso que lide com o que não é humano, ora, pois:

Essa exclusão do Inumano faz com que, doravante, seja ele que nos pense. Só podemos captar o mundo a partir de um ponto ômega exterior ao Humano, a partir de objetos e de hipóteses que representam para nós o papel de atrativos estranhos. Antigamente o pensamento já tinha se chocado com esse tipo de objeto nos confins do inumano — no choque com as sociedades primitivas, por exemplo. Mas hoje é preciso ver mais longe do que esse pensamento crítico, filial do humanismo ocidental, em direção a objetos ainda mais estranhos, portadores de uma incerteza radical e aos quais não podemos mais, de forma alguma, impor nossas perspectivas (BAUDRILLARD, 2002, p.23).

Vejamos, ainda mais, que esse ponto que resulta, assim nos parece, de (ou numa) crise, é, assim, a crise da própria constituição de Ocidente:

Na verdade, já faz um século que o diagnóstico clínico do fim da civilização ocidental está estabelecido e subscrito pelos acontecimentos. Dissertar sobre isso não passa, desde então, de uma forma de entretenimento. Mas é sobretudo uma forma de distração sobre uma catástrofe *que está aqui*, e já há bastante tempo, *que nós somos* da catástrofe *que é* o Ocidente. Essa catástrofe é, acima de tudo, existencial, afetiva, metafísica. Reside na incrível estranheza do homem ocidental em relação ao mundo, estranheza que reside em, por exemplo, que ele se faça amo e possuidor da natureza — só se procura dominar aquilo que se teme. Não foi por acaso que ele colocou tantas *telas* entre ele e o mundo (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p.33).

Catástrofe, o fim, ou o regresso ao Nada: estamos sobre uma questão que recorre nesta pesquisa-texto, ou seja, de lidar com o sem-sentido, tomá-lo como fundamental, e assim incluí-lo neste jogo com a incerteza — que aparecem sobre as noções de imprevisível, inesperado e improvável; incluir o sem-fundo em nosso fazer de pesquisadocência, via, então, uma poética que, sobre o Nada, ou o caos, produz seus sentidos provisórios sobre o que pode notar (do/no real e do/no pensamento). É nesse sentido que, tendo em vista esta dimensão ante-humana, passamos a conjecturar, na conclusão deste estudo, e como apontamento para o desdobramento da pesquisa após a finalização do mestrado, sobre os processos de estudo e experimentação em espaços de educação.

Afinal, concluir (em direção a uma Ecosofia)

A questão que atravessou essa pesquisa — e que, talvez, só demarcamos a contento agora, ao finalizar este conjunto dissertativo —, e que aparece no entorno do humano, ou, pra ser mais preciso, do humanismo, e, de todo modo, do antropocentrismo, pode ser circunscrita a partir da enunciação de Foucault acerca da morte do homem, conforme nos apresenta Deleuze, na entrevista intitulada “Rachar as coisas, rachar as palavras”, no livro *Conversações* (1992, p.113),:

Fizeram como se Foucault estivesse anunciando a morte dos homens existente (e diziam: “que exagero!”), ou, ao contrário, como se ele marcasse apenas uma mudança no conceito de homem (“é só isso!”). Mas não se trata nem de uma coisa nem de outra. É uma relação de forças, com uma forma dominante que decorre dela. Sejam as forças do homem, imaginar, conceber, querer...etc.: com que outras formas elas entram em relação, em tal época, e para compor que forma?

Trata-se então, de um estudo das forças, conforme apontamos na introdução deste trabalho, com o livro de Deleuze sobre Nietzsche. Por esse motivo, a ideia de improvisação, apresentada como exercícios de pesquisa, não é um ato da forma humana, mas, antes, de um corpo em jogo com outros corpos; contudo, o destaque é para as forças em jogo, e não para os indivíduos, como tratado, por Deleuze, na sequência da mesma entrevista (1992, p.114): “hoje é comum dizermos que o homem enfrenta novas forças: o silício e não mais simplesmente o carbono, o cosmo e não mais o mundo...”. Todavia, dado a contingência temporal deste estudo no âmbito de mestrado, restará ao

desdobramento desta pesquisa uma maior atenção para esta problemática. Nesse sentido, levando em conta a relação entre forças e sua emergência na modulação de formas, com destaque para a formação de imagens em notas, pretendemos orientar os estudos futuros para experimentações em espaços coletivos.

Realizamos um experimento coletivo, a partir da exposição dos procedimentos adotados nesta Dissertação, como uma ação de extensão acadêmica, intitulada “Poéticas da Notação: elaborar o pensamento e o não-pensado” ([ver o projeto](#)). No formato de um minicurso, primeiramente, a partir [deste espaço](#), apresentei a proposta, e, após introduzir [questões técnicas](#), compartilhamos notas num endereço específico, diegoesteves.in/ufrgs, onde cada participante pôde também produzir sobrenotas, conforme os [exercícios propostos](#).

Retornamos, por essa via, a imagem do intelectual, mais especificamente por sua ocupação nos espaços educacionais, mas, todavia retirando-o do centro da sociedade, enquanto símbolo de autoridade, detentor do conhecimento e, ao mesmo tempo, liberando-o para “transversar” sobre outros temas, num espaço coabitado pela coletividade; vejamos, mais uma vez, com Deleuze (1992, p.110):

Foucault dizia que o intelectual deixou de ser universal para tornar-se específico, ou seja, não fala mais em nome de valores universais, mas em nome de sua própria competência e situação (para Foucault essa mudança se deu no momento em que os físicos se voltaram contra a bomba atômica). Que os médicos não tenham o direito de falar em nome dos doentes, e que tenham também o dever de falar, como médicos, sobre problemas políticos, jurídicos, industriais, ecológicos; vai nesta linha a necessidade de se criarem grupos no espírito de 68, unindo por exemplo médicos, doentes, enfermeiros. São grupos multivocais. O Grupo de Informação sobre as Prisões organizado por Foucault e Defert foi um desses grupos: é o que Guattari chamava de “transversalidade”, por oposição aos grupos hierarquizados onde qualquer um fala em nome dos outros.

Transversalidade: uma importante noção, sobretudo no que tange a ocupação

Destaco aqui dois processos coletivos desenvolvidos junto ao [NECITRA](#) – Núcleo de Experimentações Cênicas e Transversalidades, no qual assumo a função de coordenador: [Tubo de Ensaio](#) (2011 e 2012) e [Desdobramentos](#) (2013 até 2015). Registro ainda minhas experiências passadas na elaboração do Plano Estadual de Cultura do RS, e Planos Setoriais do Circo e da Dança, processos participativos entre 2011 e 2014.

comum de um espaço, para pensar a docência, mas também grupos de pesquisa, de criação artística ou mesmo de gestão democrática de processos políticos. Transversalidade também do saber, das narrativas que podemos compor como num livro rizoma, do que tentamos fazer no espaço interconectado à este, onde as notas podem ser lidas pelos *hiperlinks* produzindo múltiplas conexões de sentidos, saturando-os,

como um modo de dar visibilidade às aparências — se não das coisas, do próprio pensamento.

Em verdade, trata-se de toda uma maquinação no entorno de uma invencionática.

É pela afirmação desta correlação entre o pensar, do corpo humano, portanto, pela improvisação em jogo com as coisas e os espaços, que chegamos ao fim desta Dissertação, apostando nos procedimentos adotados na constituição deste estudo, enquanto uma Pesquisa-improvisação, para sua atualização num espaço coletivo, para uma educação em jogo. As dinâmicas corporais, com destaque para o estudo das forças, é algo a ser perspectivado na pesquisa que seguirá; com efeito, supomos haver uma correlação entre três dimensões, que aponta para uma pesquisa que elabore sobre uma espécie de Ecosofia da Educação, tendo em vista o ensaio presente no livro *As três ecologias*, de Félix Guattari, onde ele afirma:

Tenho a convicção de que a questão da enunciação subjetiva se colocará mais e mais à medida que se desenvolverem as máquinas produtoras de signos, de imagens, de sintaxe, de inteligência artificial... Disso decorrerá uma composição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares — a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental — sob a égide ético-estética de uma ecosofia (GUATTARI, 2012, p.23).

Por essa via, acabaremos por abordar a subjetividade, noção da qual nos desviamos durante a pesquisa de mestrado, pois consideramos que cabia tomar mais tempo sobre ela em estudo futuro — o mesmo ocorreu com a noção de experiência. São questões a serem abordadas no sentido de um viver junto, ao considerar sobre como nos afetamos, como produzimos (ou não) em jogo com o outro, e de como podemos potencializar esses espaços.

Cabe afirmar, por fim, nossa aposta de que os procedimentos aqui experimentados, que definimos como parte desta Pesquisa-improvisação — que seria, então, da dimensão de uma ecologia mental —, pode potencializar o labor interno de um espaço de educação em jogo, enquanto um fazer poético em exercícios experimentais; assim, é com as últimas linhas do ensaio de Guattari (2012, p.55), que encerramos esta Dissertação:

A subjetividade, através de chaves transversais, se instaura ao mesmo tempo no mundo do meio ambiente, dos grandes Acontecimentos sociais e institucionais e, simetricamente, no seio das paisagens e dos fantasmas que habitam as mais íntimas esferas do indivíduo. A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros

campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos. Tais como esse ensaio que quereria, por pouco que fosse, tolher a falta de graça e a passividade ambiente.

Pensei em escrever aqui uma intrusão final, preenchida com frases de efeito, talvez. Contudo, sinto que não cabe qualquer *gran finale*, dado que a pesquisa continua (basta para isso acompanhar as salas do [espaço](#) correlato a este — no tempo, anterior e posterior a ele —, sobretudo o [Bloco de Notas](#), donde sugiro a visualizar a última nota deste período). Além disso, o fim desta pesquisa-texto não me parece ser mais do que o extremo de uma linha que se fixa num ponto final, mas sua extensão se encontra entrelaçada com tantas outras, como numa grande teia que se segue a fiar.



REFERÊNCIAS

ADÓ, Máximo Lamela. Aporias literárias: questões borgeanas na educação. **Revista Digital do LAV, Santa Maria**, vol. 9, n. 2, 133 – 145, maio/agosto 2016.

ADÓ, Máximo Lamela. **Autocomediografia intelectual de um educador**. In. ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos (orgs.). *Biografemática na Educação: Vidarbos*. Porto Alegre: UFRGS, Doisa, 2015.

ADÓ, Máximo Lamela. *Educação da Diferença: possibilidades de composição*. **X ANPED SUL**, Florianópolis, 2014.

ADÓ, Máximo Lamela. **Educação Potencial: autocomédia do intelecto**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Sandra Corazza. Porto Alegre, UFRGS, 2013.

ADÓ, Máximo Lamela; CORAZZA, Sandra. A escrita sociográfica como didática transcriadora e produtora de presença. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 271-288, ago. 2015.

ADÓ, Máximo Lamela; CORAZZA, Sandra. Sociografia e Educação. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 18, n.2 – edição especial, p. 505-516, set.2016a.

ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra. **Conexões Heterogêneas: Uma Educação Potencial**. In. ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra; POLIANA, Olini (orgs.). *Panorama de Pesquisa em Escrituras: Observatório da Educação*. Porto Alegre: Supernova, 2016b.

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura 1**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BACHELARD, Gaston. **Estudos**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A experiência do espaço na física contemporânea**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

BAHIENSE, Vera. A vida modo de usar: um romance em puzzle. **Matraga**, Rio de Janeiro, RJ, n.9, p. 81-84, out. 1997.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Notas sobre a fotografia. Tradução Júlio Costañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Como Viver Junto**. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

- BARTHES, Roland. **Escritos sobre o teatro**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003b.
- BATAILLE, Georges. **Sobre Nietzsche: vontade de chance**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Tradução Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. **De um Fragmento ao Outro**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: editora UFMG; São Paulo: imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BERGSON, Henri. **A intuição filosófica**. In. Os Pensadores XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos**. Lisboa: Edições 70, 1927.
- BLANCHOT, Maurice. **A Conversa Infinita – A palavra plural**. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. Tradução José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b.
- CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental**. Tradução José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria Incomum**. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 2009.

CARLSON, Marvin. **Performance**: uma introdução crítica. Minas Gerais: Editora UFMG, 2010.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**. Crise e Insurreição. Tradução Edições Antipáticas. São Paulo, n-1 edições, 2016.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

COUTINHO, Karyne. Por uma didática da improvisação. **Revista Em Aberto**, Brasília, v.31, n.101, p.121-132, jan/abr. 2018.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra. Leibniz e o Barroco**. Tradução Luiz Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia Prática. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, Gilles. Instintos e instituições. Tradução Luiz B.L. Orlandi. In.: ORLANDI, Luiz B.L. (org.). **A ilha deserta e outros textos**. Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2004. p.17-20.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol.1**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol.2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995b.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol.3**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol.5**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FLUSSER, Vilém. Da ficção. **O Diário** de Ribeirão Preto, São Paulo, 26 de agosto de 1966. Disponível em <<http://paginas.terra.com.br/art/dubitoergosum/arquivvo02.htm>>. Acesso em: 16 de maio 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. *In*: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro: Loyola, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. *In*. FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos** : Estética - literatura e pintura, música e cinema, v. III. Tradução Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. p.219-242
- FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema, v. III. Tradução Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. p. 264-298
- GALLO, Silvio; GENIS, Andrea Díaz. Filosofia da Educação, Exercícios Espirituais e Arte de Existência. **Revista Educação em Foco**. Juiz de Fora, v.20, n.2, p.95-114, jul.2015/out.2015.
- GIL, José. **Movimento Total**: o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GREINER, Christine. **O Corpo**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 2ª ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HADOT, Pierre. **Exercices Spirituels et Philosophie Antique**. Paris: Albin Michel, 2002.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2006.

LARROSA, Jorge. **Imagens do Estudar e duas histórias jassídicas sobre a transmissão e a renovação**. In.: LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica 2006, p. 199-203.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Tradução Samíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio: Que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios**. Tradução Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

NABAIS, Catarina Pombo. **Filosofia, Arte e Ciência: modos de pensar o acontecimento e o virtual segundo Gilles Deleuze** In: D. Fernández Duque; E. Parejo; I. Hernández Antón (Eds.). **Estudios de Lógica, Lenguaje y Epistemología**. Sevilha: Fénix Editora, 2010, pp.319-326.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005a.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005b.

ORLANDI, Luis. **O indivíduo e sua implexa pré-individualidade**. In: PELBART, P; COSTA, R. (Org.). **Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003.

PEREC, Georges. **Pensar/Clasificar**. Tradução Carlos Gardini. Barcelona: Gedisa, 1986.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. **A escrita como jogo: desafios e *contraentes* na literatura do Oulipo**. **Revista Outra Travessia**, Florianópolis, vol. 13, 119-135, 2012.

PESSOA, Fernando. **Alberto Caeiro, Poesias Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- RANCIÈRE, Jacques. Deleuze e a Literatura. **Revista Matruga**. Rio de Janeiro, v.12, 1999.
- REZENDE, Luiz. É escrevendo que se vira escrevedor. In: QUENEAU, Raymond. **Exercícios de estilo**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 11-15.
- ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. Tradução Ciro Mioranza. Editora Escala: São Paulo, s/ano.
- SAER, Juan José. O conceito de ficção. Desterro, **SOPRO - panfleto político-cultural**, v.15, agosto de 2009. Disponível em:< <http://culturaebarbarie.org/sopro/n15.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2018.
- SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche o la filosofía como autoexperimentación. **Revista Lienzo**, Lima, n.19, 83-106, 1998.
- SALES, Márcio. Deleuze e Artaud: um passeio pelo corpo sem órgãos. In: Sandro Kobol Fornazari, Adriana B. de Azevedo, Bárbara L. Ramacciotti, Cíntia V. da Silva. (Org.). **Deleuze hoje**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, v. , p. 1-576.
- SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC, 2008.
- SERRES, Michel. **Variações Sobre o Corpo**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo. In: PELBART, P; COSTA, R. (Org.). **Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- VALÉRY, Paul. **Introdução ao Método de Leonardo da Vinci**. Tradução José Martins Garcia. Lisboa: Arcádia, 1979.
- VALÉRY, Paul. **Lições de Poética**. Tradução Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- VIEIRA, Jorge. **Complexidade e Conhecimento Científico**. I Simpósio sobre Percepção de Desafios Científicos e novas Estruturas Organizacionais. 2007.
- WARA, Dinesh. **Corpo: pistas e fronteiras**. Tradução Clécio Vieira. São Paulo: Sentidos, 2001.

